

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

RUAN SAMPAIO DE OLIVEIRA

Do Barro ao Território: Aspectos Naturais, Saber-Fazer Tradicional e Potencial de
Indicação Geográfica da Cerâmica Artesanal de Ipirá (BA)

Salvador
2026

RUAN SAMPAIO DE OLIVEIRA

Do Barro ao Território: Aspectos Naturais, Saber-Fazer Tradicional e Potencial de
Indicação Geográfica da Cerâmica Artesanal de Ipirá (BA)

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação
apresentado ao Colegiado de Geografia, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Geografia pela Universidade Federal
da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Alcides dos Santos Caldas

Salvador

2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

RUAN SAMPAIO DE OLIVEIRA

DO BARRO AO TERRITÓRIO: ASPECTOS NATURAIS, SABER-FAZER TRADICIONAL E POTENCIAL DE INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA CERÂMICA ARTESANAL DE IRARÁ.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Geografia. Salvador, 3 de julho de 2026.

Orientador: Prof. Dr. Alcides dos Santos Caldas

Prof.(a) Dr(a). Daiana de Andrade Matos
Universidade Federal da Bahia

Prof.(a) Me. Milena Pires de Souza
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Nilda, e ao meu pai, Adailton, por todo apoio, cuidado, incentivo e ajuda em todos os aspectos da minha vida. Sem o amor, a dedicação e os esforços de vocês, eu não teria chegado até aqui. Esta conquista também é de vocês.

Agradeço a toda a família Sampaio, por torcer por mim, acreditar na minha caminhada e celebrar cada etapa dessa trajetória. Dedico esta vitória a todos vocês, que de alguma forma contribuíram para que este sonho se tornasse possível.

Agradeço também a todos os professores e professoras do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia, que ao longo da graduação contribuíram para minha formação acadêmica, profissional e humana. Cada disciplina, orientação, diálogo e aprendizado foi fundamental para a construção do geógrafo que me torno.

De modo especial, agradeço à professora Denise Silva Magalhães, por sua contribuição em minha trajetória acadêmica, pelos ensinamentos e pela orientação durante minha formação. Agradeço também ao meu orientador, professor Alcides dos Santos Caldas, pela orientação, paciência, confiança e pelas contribuições fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos que fizeram parte dessa caminhada, direta ou indiretamente, deixo minha sincera gratidão.

RESUMO

A cerâmica de Irará-BA constitui uma expressão tradicional profundamente vinculada à história, à cultura e às condições naturais do município. Sua produção está associada ao saber-fazer de comunidades rurais e quilombolas, especialmente da comunidade da Olaria, onde o conhecimento sobre a retirada do barro, a modelagem, o acabamento e a queima das peças é transmitido entre gerações, sobretudo por mulheres conhecidas como louceiras. A pesquisa analisa a relação entre essa prática ceramista e os aspectos físicos do território, considerando clima, vegetação, geologia, geomorfologia e solos. A metodologia envolveu levantamento bibliográfico e documental, análise de mapas temáticos, pesquisa de campo, diálogos com produtores na feira livre do município e sistematização das etapas produtivas. Os resultados demonstram que a predominância de rochas sedimentares, associada ao clima tropical com estação seca, à presença da Floresta Estacional Decidual e à ampla ocorrência de Argissolos Vermelho-Amarelos, favorece a formação de solos ricos em argila, matéria-prima essencial para a produção cerâmica. Além disso, a notoriedade da cerâmica de Irará se expressa em sua permanência histórica, na circulação das peças em feiras, exposições e reportagens, e no reconhecimento social da atividade como parte da identidade territorial local. Dessa forma, a cerâmica iraraense revela-se como resultado da interação entre natureza, cultura, trabalho e território, apresentando potencial para reconhecimento como Indicação Geográfica.

Palavras-chave: Meio físico; Cultura; Indicação Geográfica.

ABSTRACT

Irará pottery, produced in the state of Bahia, represents a traditional expression deeply connected to the municipality's history, culture, and natural conditions. Its production is associated with the knowledge and practices of rural and quilombola communities, especially the Olaria community, where the techniques of clay extraction, shaping, finishing, and firing are transmitted across generations, mainly by women known as "louceiras". This research analyzes the relationship between pottery production and the physical aspects of the territory, considering climate, vegetation, geology, geomorphology, and soils. The methodology included bibliographic and documentary research, analysis of thematic maps, fieldwork, dialogues with producers at the municipal open-air market, and the systematization of the production stages. The results show that the predominance of sedimentary rocks, combined with a tropical climate with a dry season, the presence of Deciduous Seasonal Forest, and the wide occurrence of Red-Yellow Argisols, favors the formation of clay-rich soils, which constitute the main raw material for pottery production. Furthermore, the notoriety of Irará pottery is expressed through its historical continuity, the circulation of pieces in fairs, exhibitions, and media reports, and the social recognition of this activity as part of the local territorial identity. Thus, Irará pottery emerges as the result of the interaction between nature, culture, labor, and territory, presenting potential for recognition as a Geographical Indication.

Keywords: Natural environment; Culture; Geographical Indication.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	OBJETIVOS GERAIS	9
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
1.3	METODOLOGIA	10
2	INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS NO BRASIL E NA BAHIA: CONCEITOS, LEGISLAÇÃO, DESAFIOS E POTENCIALIDADES	12
3	FORMAÇÃO HISTÓRICA, DINÂMICA TERRITORIAL E TRADIÇÃO CERAMISTA EM IRARÁ	18
4	ANÁLISE AMBIENTAL DE IRARÁ E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE SOLOS ARGILOSOS	21
4.1	BIOMAS: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DA MATA ATLÂNTICA E DA CAATINGA	24
4.2	CLIMA	25
4.3	VEGETAÇÃO	29
4.4	GEOLOGIA	32
4.5	SOLOS	35
5	DESCRIÇÃO DOS ASPECTOS FÍSICOS	40
5.1	A SINGULARIDADE DA CERÂMICA DE IRARÁ E SUA RELAÇÃO COM O MEIO FÍSICO	43
6	LÓCUS DA PRODUÇÃO DA CERÂMICA DE IRARÁ E POTENCIALIDADE PARA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA	45
6.1	DESAFIOS PARA O REGISTRO DA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA CERÂMICA	47
7	PROCESSO DE PRODUÇÃO DA CERÂMICA ARTESANAL DE IRARÁ	50
8	ESPAÇOS DA PRODUÇÃO	52
8.1	SINGULARIDADE DA PRODUÇÃO DA CERÂMICA DE IRARÁ	52
8.2	NOTORIEDADE DA CERÂMICA DE IRARÁ	59
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
10	REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a origem da cerâmica foi associada ao processo de sedentarização humana ocorrido no período Neolítico, quando grupos de caçadores e coletores passaram a se fixar em determinados territórios, desenvolver práticas agrícolas e domesticar animais. Nesse contexto, a maior produção de alimentos teria criado novas necessidades de armazenamento, preparo e consumo, favorecendo o desenvolvimento de recipientes cerâmicos. Assim, a cerâmica passou a ser interpretada como parte do chamado “pacote neolítico”, associado à agricultura, à vida sedentária e à formação das primeiras comunidades aldeãs (VUKOVIĆ, 2020). No entanto, estudos arqueológicos mais recentes demonstram que a produção cerâmica é anterior à agricultura em algumas regiões, indicando que a tecnologia do barro cozido já era utilizada por sociedades caçadoras-coletoras do Paleolítico Superior, especialmente na Eurásia, muito antes da consolidação das sociedades agrícolas (BUDJA, 2016).

Alguns estudiosos, como Budja Mihael (2016), defendem que existem aparentemente duas trajetórias históricas: a primeira trajetória com cerca de 20.000 anos para o início da utilização da cerâmica utilitária nas sociedades pré neolíticas de caçadores e coletores da Ásia e a segunda trajetória de que os primeiros objetos cerâmicos conhecidos não eram necessariamente utilitários, ou seja, recipientes para armazenar alimentos, mas sim pequenos cones de cerâmica (possivelmente usados para contas ou marcadores e estatuetas representando animais e seres humanos, sobretudo mulheres) originariamente descobertos na Europa Central datado em cerca de 31 000 anos.

A cerâmica tem uma história longa e complexa na sociedade. No Brasil as primeiras cerâmicas têm suas origens na Ilha de Marajó apontando uma rica cultura Indígena que cresceu na Ilha. A cerâmica marajoara era altamente elaborada e compreendia várias técnicas de produção: raspagem, incisão, excisão e pintura. A modelagem era tipicamente antropomorfa, embora também haja exemplares de cobras e lagartos, outros objetos eram também confeccionados, entre eles destacavam-se bancos, estatuetas, rodela-de-fuso, tangas, colheres, adornos auriculares e labiais, apitos e vasos (AMORIM, 2010).

A tradição ceramista não chegou ao Brasil com os colonizadores europeus, porém os processos de produção que os indígenas utilizavam sofreram modificações

com a chegada dos colonos, onde passou-se a produzir tijolos, telhas e louça para consumo diário. Esse processo também se verificou na Bahia, onde as populações indígenas já produziam objetos cerâmicos antes da chegada dos colonizadores europeus., antes mesmo das influências europeias, as populações indígenas que habitavam o território usavam duas técnicas principais para a construção do corpo da peça cerâmica: o acordelamento e a modelagem. O uso de uma ou de outra variava de acordo com a serventia da peça depois de pronta (Noelli e Sallum, 2019).

A produção de cerâmica em Irará não é diferente, ela tem raízes também seculares. A prática foi herdada dos indígenas Paiaiás e fundiu-se com técnicas e tradições africanas. A principal referência histórica e atual da olaria local está concentrada em comunidades rurais, como a comunidade quilombola da Olaria, onde o ofício resiste há mais de 100 anos. As principais peças cerâmicas produzidas no município são painéis, bonecas e animais, essa produção ocorre predominantemente na zona rural especialmente em 4 comunidades quilombolas dentre elas estão as comunidades de Caboronga, Lajes, Massaranduba e Olaria, o saber é transmitido intergeracionalmente, sobretudo pelas mulheres mais velhas, conhecidas como "louceiras" (Santos, 2009).

Deste modo, a produção ceramista em Irará é a expressão artística e cultural de uma população com raízes profundas de conhecimento e tradição familiar fortemente ligados com o modo de viver do Quilombo e com forte influências das heranças Indígenas e Africanas fundidas, com técnicas seculares passadas de geração em geração, mas que enfrentam fortes problemas como a degradação ambiental que pode provocar a escassez da matéria prima principal (barro) e da lenha para o fogo, a escassez da lenha eleva o custo energético que é um dos principais problemas enfrentados pelos produtores. Também a precariedade nas condições de trabalho e dificuldades de regularização fundiária, a vulnerabilidade socioeconômica, falta de apoio logístico para escoamento e armazenamento na feira local, além da desvalorização histórica do ofício e do êxodo de jovens que perdem o interesse em dar continuidade a produção da família. Apesar dos problemas, a cerâmica de Irará possui características que a tornam singular e com isso torna-se necessário a proteção dos seus produtores.

Neste contexto, é indispensável buscar alternativas que visam melhorar as condições de trabalho dos produtores de cerâmica em Irará, assim como preservar o meio ambiente diminuindo os impactos que a extração da argila causa *in loco* e

valorizar os saberes tradicionais e familiares para que estes não sejam esquecidos ou perdidos em um mundo capitalista que busca homogeneizar tudo. Dessa maneira a Indicação Geográfica (IG) da cerâmica de Irará, entra como uma possibilidade para estas demandas. A IG funciona como um meio de garantir a proteção não só do produto, mas também dos produtores e do próprio território vinculando o modo de produção e o produto ao território, assegurando as qualidades distintivas, promovendo o reconhecimento e a proteção dos saberes tradicionais e do produto. Segundo Caldas (2013), as Indicações Geográficas constituem um meio eficaz para identificar e assegurar a qualidade de produtos elaborados em determinado território, região ou localidade, desde que apresentem características específicas, homogêneas e bem demarcadas. Para o autor, a IG não se limita à proteção do nome geográfico, pois também atua na garantia da procedência do produto e no fortalecimento da relação de confiança entre consumidores, produtores e o território de origem. Dessa forma, a Indicação Geográfica pode ser compreendida como um instrumento de valorização territorial, capaz de articular produto, qualidade, identidade local e desenvolvimento territorial.

Seguindo esta ideia, o registro de uma IG da cerâmica de Irará promoveria o fortalecimento da identidade das comunidades quilombolas, a valorização do produto, o reconhecimento dos produtores e a preservação do meio ambiente, gerando desenvolvimento, renda e qualidade de vida para o município, sobretudo nestas comunidades, a IG também abriria possibilidade de ampliação econômica proporcionando que a cerâmica iraraense alcance novos mercados além de modernização na produção e melhoria na infraestrutura de produção.

1.1 Objetivos gerais

Compreender como os aspectos físicos como clima, vegetação e geologia, influenciam na formação dos solos Argilosos dos quais são extraídos o barro que é usado para a produção da cerâmica no município de Irará e como as diferenças mineralógicas dos solos influenciam na produção da cerâmica.

1.2 Objetivos específicos

- Analisar a importância cultural, social e econômica da cerâmica no município de Irará- BA, visando a possibilidade de registro de Indicação Geográfica.
- Sistematizar a produção da cerâmica desde a coleta do barro até a queima em Irará

- Sistematizar os aspectos da notoriedade da cerâmica de Irará.

1.3 Metodologia

A presente pesquisa possui caráter qualitativo e exploratório, utilizando procedimentos bibliográficos, documentais e de campo para compreender a relação entre os aspectos físicos do município de Irará e a produção tradicional da cerâmica, bem como sua importância cultural, social e econômica para as comunidades produtoras.

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da história da cerâmica, dos saberes tradicionais associados à produção ceramista, dos conceitos de território, patrimônio cultural e Indicação Geográfica, além dos estudos relacionados à formação dos solos, geologia, geomorfologia, vegetação e clima do município de Irará. Foram consultados livros, artigos científicos, dissertações, teses, documentos institucionais e bases de dados de órgãos oficiais como IBGE, SEI, EMBRAPA e INMET.

Para a caracterização dos aspectos físicos do município, foram elaborados e analisados mapas temáticos de localização, clima, vegetação e solos, utilizando técnicas de geoprocessamento em ambiente SIG (Sistema de Informação Geográfica). Os dados cartográficos foram obtidos junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), à Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) e à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). A partir da análise integrada desses elementos, buscou-se compreender como as condições ambientais influenciam a formação dos solos argilosos utilizados na produção da cerâmica.

Para a sistematização da cadeia produtiva da cerâmica, foram descritas todas as etapas do processo de produção, desde a extração do barro, preparo da matéria-prima, modelagem das peças, secagem, acabamento e queima. Essa análise permitiu identificar os conhecimentos técnicos empregados pelos ceramistas e sua relação com os recursos naturais disponíveis no território.

Com o objetivo de compreender a influência das características dos solos na produção cerâmica, foram analisadas informações secundárias sobre a mineralogia e as propriedades físicas dos solos predominantes no município, especialmente os Argissolos Vermelho-Amarelos. A interpretação dessas informações possibilitou

discutir como fatores como textura, plasticidade, teor de argila e composição mineralógica influenciam a qualidade das peças produzidas.

Por fim, visando avaliar o potencial da cerâmica de Ipirá para o registro de uma Indicação Geográfica, foram sistematizados os elementos de notoriedade do produto, considerando sua história, tradição produtiva, vínculo territorial, reconhecimento social, singularidade dos saberes-fazer e a relação entre as características da cerâmica e os recursos naturais do município. A análise dessas informações foi realizada à luz da legislação brasileira sobre Indicação Geográfica e de estudos sobre produtos tradicionais vinculados ao território.

2 INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS NO BRASIL E NA BAHIA: CONCEITOS, LEGISLAÇÃO, DESAFIOS E POTENCIALIDADES

A associação entre determinados produtos e seus locais de origem é muito antiga. Segundo Saldanha, Rocha e Santos (2022), referências a produtos identificados por sua procedência já aparecem em registros históricos e até mesmo em textos bíblicos, como os vinhos de En-Gedi e o cedro do Líbano. Contudo, a proteção jurídica das Indicações Geográficas (IGs) surgiu quando se percebeu que alguns produtos possuíam qualidades específicas associadas ao ambiente geográfico de onde provinham. Uma das primeiras IGs reconhecidas formalmente no mundo foi a do Vinho do Porto, em Portugal, instituída pelo Marquês de Pombal no século XVIII para combater falsificações e proteger os produtores locais.

No contexto internacional, a consolidação das IGs ocorreu especialmente na Europa, onde países como França, Itália, Espanha e Portugal desenvolveram sistemas de proteção voltados para vinhos, queijos, azeites e outros produtos tradicionais. Vieira e Pellin (2015) destacam que as IGs surgem como instrumentos de valorização dos recursos territoriais, permitindo associar qualidade, tradição, identidade cultural e desenvolvimento econômico ao território de origem.

No Brasil, o reconhecimento legal das IGs é relativamente recente. Embora existam referências à proteção da propriedade industrial desde o Alvará de D. João VI, em 1809, somente com a promulgação da Lei nº 9.279/1996 (Lei da Propriedade Industrial – LPI) foi estabelecido o atual sistema de proteção das Indicações Geográficas. O primeiro registro brasileiro ocorreu em 2002, com a Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul (CALLIARI, 2010; SALDANHA; ROCHA; SANTOS, 2022).

De acordo com a Organização Mundial do Comércio (OMC), por meio do Acordo TRIPS, as Indicações Geográficas são sinais utilizados para identificar produtos originários de determinado território, cuja qualidade, reputação ou características estejam vinculadas à sua origem geográfica.

A proteção das Indicações Geográficas (IGs) no Brasil é regulamentada pela Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996, conhecida como Lei da Propriedade Industrial (LPI). De acordo com o Artigo 176, a Indicação Geográfica compreende duas modalidades distintas: a Indicação de Procedência (IP) e a Denominação de Origem (DO) (Quadro 1).

Segundo o Artigo 177 da referida lei, considera-se Indicação de Procedência o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território que tenha se tornado conhecido como centro de extração, produção, fabricação de determinado produto ou prestação de determinado serviço. Nessa modalidade, o principal elemento de proteção é a notoriedade do território, construída ao longo do tempo por meio da reputação adquirida pelo produto ou serviço associado à localidade.

Já a Denominação de Origem, definida no Artigo 178 da Lei nº 9.279/1996, corresponde ao nome geográfico de país, cidade, região ou localidade que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características se devam exclusiva ou essencialmente ao meio geográfico, incluindo fatores naturais e humanos. Nesse caso, além da notoriedade, é necessário demonstrar cientificamente a relação entre as características do produto e as condições ambientais e socioculturais do território de origem.

Dessa forma, enquanto a Indicação de Procedência está fundamentada principalmente no reconhecimento e na reputação de uma localidade como centro produtor, a Denominação de Origem exige a comprovação de que as qualidades diferenciadas do produto resultam diretamente da interação entre fatores naturais, como clima, solo, relevo e vegetação, e fatores humanos, como os conhecimentos tradicionais, técnicas produtivas e modos de fazer desenvolvidos pela comunidade local.

Quadro 1 – Modalidades de Indicação Geográfica no Brasil

Modalidade	Conceito	Exigência principal
Indicação de Procedência (IP)	Nome geográfico que se tornou conhecido como centro de produção, extração ou fabricação de determinado produto ou serviço.	Reputação e notoriedade do local.
Denominação de Origem (DO)	Nome geográfico que identifica produto ou serviço cujas características dependem essencialmente do meio geográfico.	Comprovação científica da influência dos fatores naturais e humanos.

Fonte: Adaptado da Lei nº 9.279/1996

As IGs possuem relevância econômica, social, cultural e territorial. Segundo Vieira e Pellin (2015), as Indicações Geográficas podem ser entendidas como estratégias de agregação de valor a produtos e serviços associados a um território específico, fortalecendo o desenvolvimento territorial e valorizando recursos locais.

Quadro 2- Principais benefícios das IGs

Econômicos	Sociais e culturais	Territoriais
Agregação de valor ao produto	Preservação de saberes tradicionais	Fortalecimento da identidade territorial e proteção ao meio ambiente
Acesso a novos mercados	Valorização da cultura local	Organização dos produtores
Diferenciação frente à concorrência	Proteção do patrimônio cultural	Desenvolvimento regional
Possibilidade de aumento da renda	Reconhecimento das comunidades locais	Promoção do turismo

Fonte: Adaptado de Vieira e Pellin (2015) e Niederle (2013).

Vieira e Pellin (2015) demonstram que experiências de IG podem resultar em aumento das vendas, abertura de novos mercados, fortalecimento da identidade local e desenvolvimento de atividades complementares, como turismo e gastronomia. Mascarenhas e Wilkinson (2014) acrescentam que as IGs são especialmente importantes em países em desenvolvimento porque permitem valorizar recursos territoriais, tradições produtivas e conhecimentos locais, criando oportunidades para pequenos produtores em mercados cada vez mais competitivos. Apesar dos benefícios, diversos desafios dificultam a implementação das IGs no Brasil. Mascarenhas e Wilkinson (2014) apontam:

- Baixo conhecimento da população sobre IGs;
- Falta de infraestrutura institucional;
- Poucas políticas públicas de apoio;
- Dificuldade de organização coletiva dos produtores;
- Custos de certificação e manutenção;
- Necessidade de promoção e divulgação dos produtos.

Além disso, os autores alertam que podem ocorrer conflitos internos entre produtores, exclusão de pequenos produtores e dificuldades de governança territorial caso não haja participação coletiva adequada.

A Bahia possui um dos maiores potenciais do Brasil para o desenvolvimento de Indicações Geográficas (IGs), resultado da combinação entre diversidade ambiental, riqueza cultural, saberes tradicionais e ampla variedade de produtos associados ao território. Apesar dessa condição favorável, o número de IGs reconhecidas no estado ainda é relativamente reduzido quando comparado à sua dimensão territorial e à diversidade de suas atividades produtivas. Segundo o INPI, até 2025 a Bahia possuía apenas oito Indicações Geográficas registradas (Quadro 3), todas na modalidade Indicação de Procedência. Essa realidade demonstra a existência de um vasto conjunto de produtos que possuem forte vínculo com seus territórios de origem e que podem, futuramente, ser reconhecidos e protegidos por meio desse instrumento de valorização territorial.

As Indicações Geográficas são consideradas mecanismos capazes de promover o desenvolvimento territorial sustentável, pois valorizam produtos e serviços cuja reputação, qualidade ou características estão associadas a um determinado espaço geográfico. Segundo Vieira e Pellin (2015), as IGs constituem uma estratégia de valorização dos recursos territoriais, permitindo que produtos locais obtenham diferenciação no mercado e reforcem sua identidade territorial. Além da dimensão econômica, as IGs contribuem para a preservação do patrimônio cultural, dos conhecimentos tradicionais e das formas de organização social existentes nos territórios.

No caso da Bahia, a diversidade de paisagens naturais constitui um dos principais fatores que favorecem o desenvolvimento de novas IGs. O estado abriga áreas de Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado, ambientes costeiros, chapadas, serras e vales fluviais, criando condições ambientais extremamente variadas. Essa diversidade influencia diretamente as características dos produtos agrícolas, alimentares e artesanais produzidos em diferentes regiões do estado. Elementos como clima, solo, relevo, vegetação e disponibilidade hídrica participam da construção da singularidade de muitos produtos baianos, tornando-os potencialmente aptos ao reconhecimento por meio de uma Indicação Geográfica.

Além dos fatores naturais, a Bahia apresenta uma das mais ricas diversidades culturais do país. A formação histórica do estado foi marcada pela contribuição de

povos indígenas, africanos, europeus, quilombolas, sertanejos e camponeses, cujos conhecimentos foram transmitidos ao longo de gerações e permanecem presentes em diversas atividades produtivas. Essas tradições contribuíram para a construção de saberes-fazeres específicos, associados a técnicas de cultivo, beneficiamento, preparo de alimentos, artesanato e produção cultural. Dessa forma, muitos produtos baianos possuem não apenas características físicas diferenciadas, mas também um importante valor simbólico e identitário.

Atualmente, algumas experiências já demonstram o potencial das Indicações Geográficas na Bahia. A cachaça de Abaíra, as amêndoas de cacau do Sul da Bahia, o café do Oeste Baiano e as frutas do Vale do Submédio São Francisco representam exemplos de produtos que conseguiram associar qualidade, reputação e território, obtendo reconhecimento oficial junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). Essas experiências mostram que a IG pode atuar como instrumento de agregação de valor, fortalecimento da organização coletiva dos produtores e ampliação das oportunidades de comercialização.

Entretanto, diversos produtos e territórios baianos ainda apresentam potencial não explorado. Entre eles destacam-se, a farinha de mandioca produzida em diferentes regiões do estado, os licores artesanais do Recôncavo, a carne de sol de Iitororó, os biscoitos tradicionais de Vitória da Conquista, o mel da Caatinga e diversas manifestações artesanais. Em comum, todos esses produtos apresentam forte relação com os recursos naturais locais e com os conhecimentos acumulados historicamente pelas comunidades produtoras.

Entre esses potenciais produtos, a cerâmica artesanal de Irará destaca-se como um caso particularmente relevante. A atividade ceramista desenvolvida no município apresenta características que se alinham diretamente aos princípios que fundamentam as Indicações Geográficas. Em primeiro lugar, trata-se de uma prática tradicional profundamente associada ao território. A produção cerâmica está vinculada à disponibilidade de matérias-primas locais, especialmente os solos argilosos predominantes no município, formados pela interação entre clima, vegetação, relevo e material de origem. Os Argissolos Vermelho-Amarelos presentes em Irará fornecem o barro utilizado na fabricação das peças, estabelecendo uma relação direta entre os recursos naturais e a atividade produtiva.

Quadro 3– Indicações Geográficas concedidas no Estado da Bahia

Nome da IG	Produto	Modalidade	Ano de concessão
Vale do Submédio São Francisco	Uvas de mesa e manga	IP	2009
Microrregião de Abaíra	Cachaça	IP	2014
Sul da Bahia	Amêndoas de cacau	IP	2018
Oeste da Bahia	Café arábica verde em grãos	IP	2019
Vale do São Francisco	Vinhos finos e espumantes	IP	2022
Região de Bom Jesus da Lapa	Banana	IP	2022
Chapada Diamantina	Café	IP	2024
Saubara	Renda de Bilro	IP	2025

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos registros oficiais do INPI (2026).

Observa-se que a Bahia possui atualmente oito Indicações Geográficas reconhecidas pelo INPI. Observa-se o predomínio de produtos agroalimentares, como café, cacau, frutas, vinhos e cachaça. Entretanto, o reconhecimento da Renda de Bilro de Saubara, em 2025, representa um marco importante ao ampliar a proteção das IGs para o campo do artesanato tradicional. O registro evidencia que não apenas produtos agrícolas podem ser reconhecidos, mas também bens culturais associados a saberes-fazeres tradicionais, identidade territorial e patrimônio imaterial das comunidades produtoras. Essa experiência torna-se particularmente relevante para a discussão sobre o potencial de reconhecimento da Cerâmica de Irará, uma vez que ambos os produtos apresentam forte vínculo territorial, transmissão intergeracional dos conhecimentos e notoriedade construída historicamente em seus respectivos territórios.

3 FORMAÇÃO HISTÓRICA, DINÂMICA TERRITORIAL E TRADIÇÃO CERAMISTA EM IRARÁ

O município de Irará tem suas origens ligadas à antiga Capitania da Bahia de Todos os Santos, em terras pertencentes à sesmaria de Garcia d'Ávila. A região começou a ser explorada pelos padres jesuítas que chegaram pelo Norte, através do atual município de Água Fria. (Santos, 2010). O processo de ocupação foi impulsionado por duas importantes correntes de desbravamento: uma em direção ao oeste, pela Serra de Irará, motivada pela busca de ouro e pedras preciosas; e outra em direção ao leste, voltada para a captura e catequização dos povos indígenas. Essas expedições deixaram importantes marcas na região, como a igreja da Vila de Bento Simões e o templo do arraial da Caroba.

Por volta de 1717, segundo o IBGE, registraram-se as primeiras explorações das terras situadas no centro do atual município. Nesse período, Antônio Homem da Fonseca Correia construiu uma capela dedicada à Nossa Senhora da Purificação, entregando-a aos cuidados de seu filho, que era padre. Ao lado do templo, foi edificada uma casa-fazenda, núcleo que deu origem ao povoado de Irará. Os primeiros habitantes da localidade foram os indígenas Paiaiás.

O desenvolvimento do povoado levou à criação da Vila da Purificação dos Campos, instituída pela Lei Provincial nº 173, de 27 de maio de 1842. Posteriormente, em 8 de agosto de 1895, a vila foi elevada à categoria de cidade pela Lei Estadual nº 100, passando a denominar-se Irará. A origem do nome Irará é atribuída à língua indígena. Segundo a tradição local, o termo está relacionado a uma espécie de formiga conhecida pelos indígenas, que costumava aparecer após as trovoadas. Há também interpretações que associam o nome ao significado de “nascido da luz do dia”, evidenciando a forte influência indígena na formação histórica e cultural do município.

Segundo o Censo Demográfico de 2022, o município de Irará possui uma população de 28.043 habitantes. Desse total, cerca de 93% da população se autodeclara preta ou parda, o que corresponde a mais de 26 mil pessoas, evidenciando a forte presença da população negra na composição demográfica municipal. Além disso, aproximadamente 3% da população é composta por pessoas quilombolas, enquanto a população indígena também apresenta participação significativa, correspondendo a cerca de 16% dos habitantes do município. Esse

contingente populacional está distribuído em uma área territorial de aproximadamente 267,69 km², resultando em uma densidade demográfica de cerca de 104,76 habitantes por quilômetro quadrado. Esses dados demonstram a importância das populações negras, quilombolas e indígenas na formação social e territorial de Irará, aspecto fundamental para compreender a permanência de práticas culturais tradicionais, como a produção da cerâmica artesanal.

A população de Irará mantém uma relação histórica com o espaço rural. Alcântara (2025) destaca que, no município, 40,9% da população reside na zona urbana e 59,1% na zona rural, o que evidencia um perfil demográfico mais ruralizado em comparação com outros municípios do Portal do Sertão. Essa ruralidade é fundamental para compreender a permanência de atividades tradicionais, como a agricultura familiar camponesa, a produção de farinha de mandioca e a cerâmica artesanal.

A economia municipal, embora marcada pela presença do setor de serviços, comércio local e administração pública, conserva forte vínculo com as atividades rurais e artesanais. O trabalho no campo, a feira livre, a produção de alimentos e o artesanato formam uma rede de relações econômicas e sociais que sustenta parte significativa da população. Nesse sentido, Irará não pode ser analisada apenas a partir de indicadores econômicos formais, pois sua dinâmica territorial também envolve saberes tradicionais, redes familiares, sociabilidade comunitária e práticas produtivas transmitidas entre gerações.

A origem da cerâmica de Irará deve ser compreendida no contexto mais amplo da cerâmica popular baiana. Almeida (2014) afirma que a cerâmica baiana resulta de um “caldeirão cultural” formado pelas influências indígenas, europeias e negras. Antes da colonização portuguesa, os povos indígenas já produziam utensílios de barro, urnas funerárias, panelas e potes, utilizando técnicas como o acordelamento ou roletado. Com a colonização, foram introduzidos novos equipamentos, formas e técnicas de queima, enquanto a população negra incorporou dimensões simbólicas, religiosas e territoriais ao trabalho com o barro. No caso específico de Irará, Almeida destaca que a cerâmica local apresenta forte influência indígena e negra. A produção inclui potes, tachos, panelas, caborés, porrões, caqueiros e fogareiros, geralmente com formas bojudas e coloração vermelho-escura, associada ao uso do tauá e ao brunimento com seixos rolados e sabugo de milho. O autor também registra elementos simbólicos do processo produtivo, como o sinal da cruz feito nas bolas de barro após a coleta e

trituração, demonstrando que o trabalho cerâmico envolve técnica, fé, memória e tradição.

A compreensão da formação histórica, social e cultural de Ipirá permite perceber que a cerâmica local não se desenvolveu de maneira isolada, mas em profunda relação com o território. O saber-fazer cerâmico, transmitido entre gerações, está diretamente associado às comunidades rurais e quilombolas, à permanência de práticas tradicionais e ao uso dos recursos naturais disponíveis no município. Nesse sentido, para compreender a singularidade da cerâmica ipiraense, torna-se necessário analisar também os aspectos físicos que condicionam a existência da matéria-prima utilizada na produção das peças.

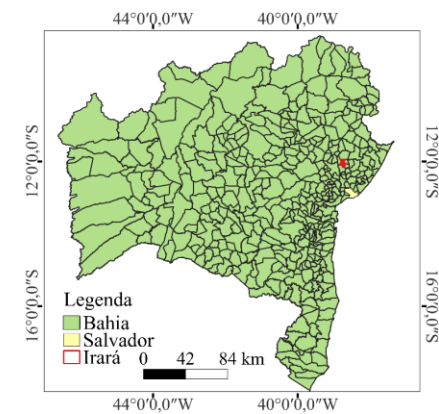
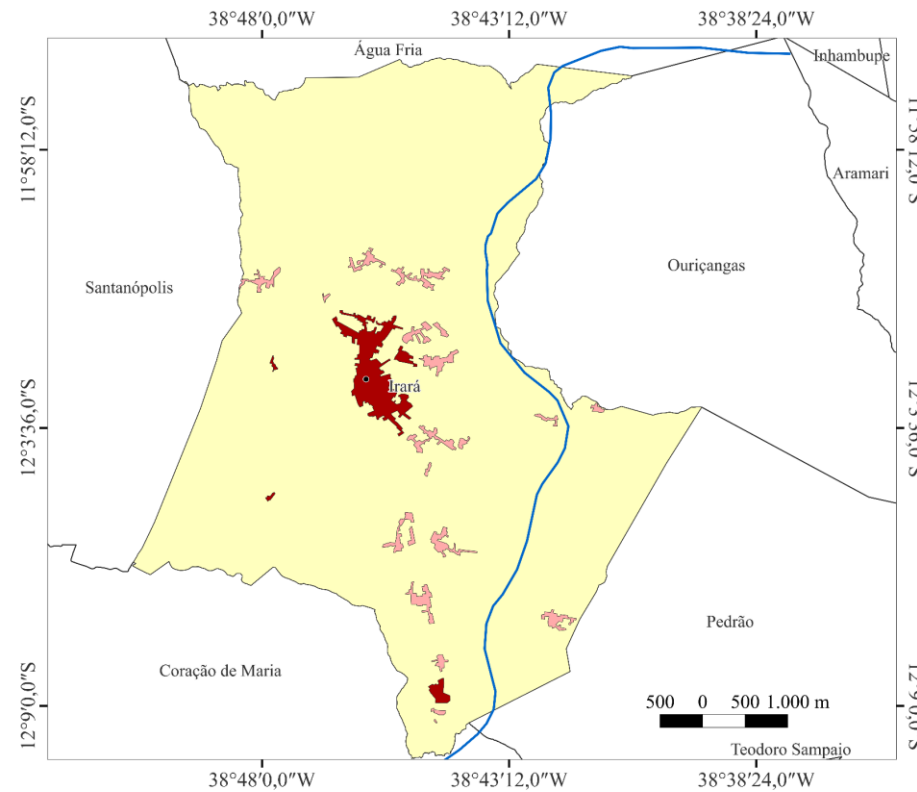
Dessa forma, a próxima seção dedica-se à caracterização ambiental do município de Ipirá, considerando elementos como clima, vegetação, geologia e solos. Esses fatores são fundamentais para explicar a formação dos solos argilosos dos quais é extraído o barro utilizado pelas louceiras e ceramistas locais. A análise integrada desses aspectos permitirá compreender como as condições naturais do território contribuíram para a consolidação da produção cerâmica e para a construção de uma identidade territorial própria em torno desse saber tradicional.

4 ANÁLISE AMBIENTAL DE IRARÁ E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE SOLOS ARGILOSOS

O município de Irará está localizado no Centro-Norte do estado da Bahia (mapa 1), integrando o Território de Identidade Portal do Sertão e a região de influência de Feira de Santana. Situado aproximadamente a 128 km de Salvador, o município ocupa uma área de cerca de 268 km² e encontra-se em uma zona de transição entre o Recôncavo Baiano e o Semiárido, característica que exerce forte influência sobre suas condições ambientais e pedológicas.

A posição geográfica de Irará é fundamental para compreender a formação dos solos utilizados na produção cerâmica local. Por estar inserido em uma área de transição entre os domínios da Mata Atlântica e da Caatinga (Mapa 2), o município apresenta características climáticas, geológicas e geomorfológicas que favorecem o desenvolvimento de solos argilosos. Dessa maneira, analisaremos o clima, a vegetação, a geologia para compreender a grande presença de solos argilosos no município e que são utilizados na produção de cerâmicas de Irará.

LOCALIZAÇÃO MUNICÍPIO DE IRARÁ BAHIA



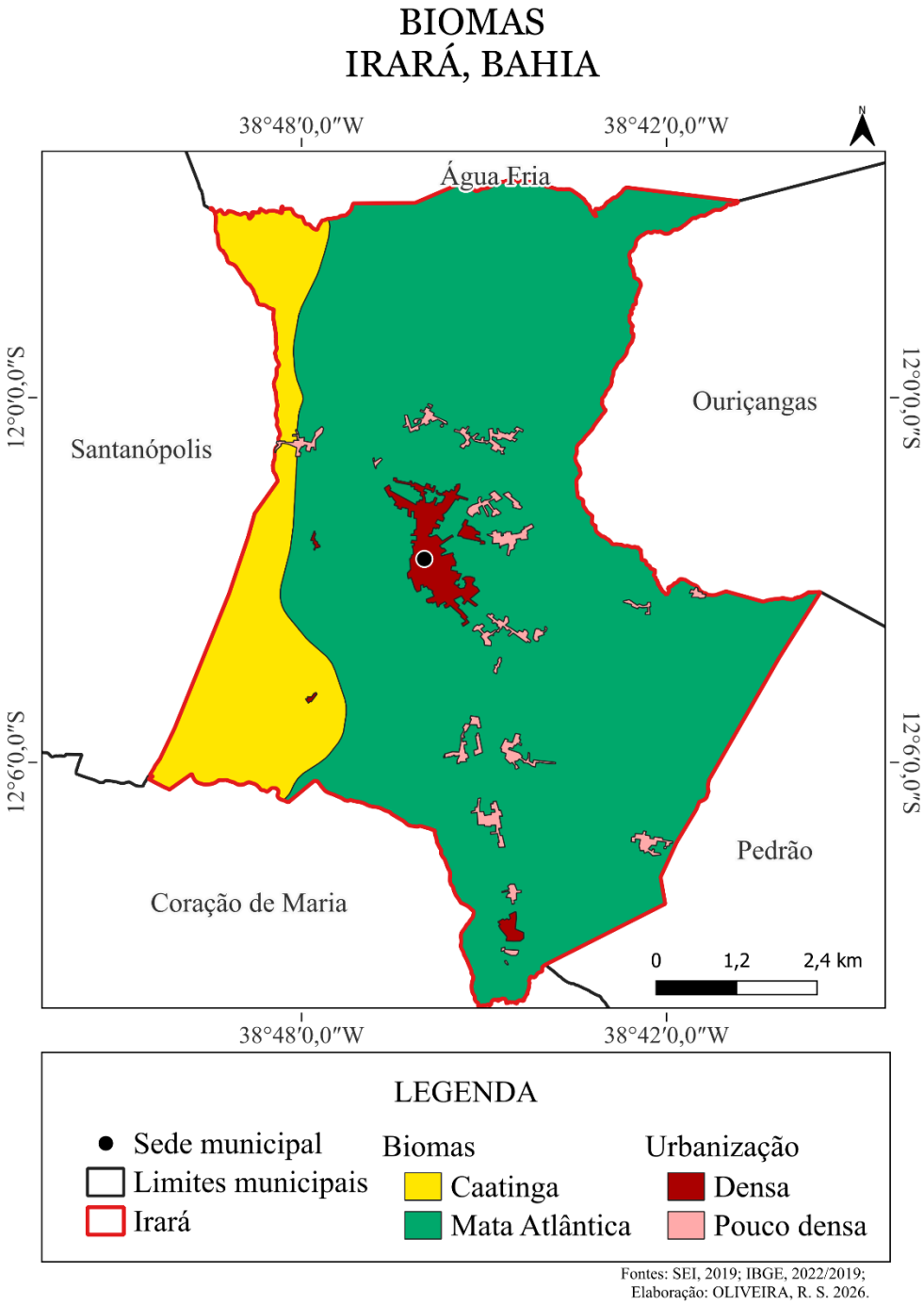
Bases Cartográficas

Unidades Federativas: IBGE, 2025
 Malha Municipal: SEI, 2019
 Áreas urbanizadas: IBGE, 2019
 Rio: ANA, 2012

Sistema de Coordenadas Geográficas
 Sirgas 2000

Elaboração: OLIVEIRA, R. S. 2026

Mapa 2- Biomas Irará



Do Autor

4.1 BIOMAS: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DA MATA ATLÂNTICA E DA CAATINGA

Os biomas correspondem a grandes unidades territoriais que agrupam conjuntos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, associados a condições geoclimáticas semelhantes e a uma história compartilhada de transformações ambientais. Essas características resultam em uma biodiversidade própria e distinguem cada bioma dos demais. A delimitação dos biomas considera informações relacionadas à vegetação, clima, geologia, geomorfologia e solos, permitindo compreender as interações entre os componentes naturais da paisagem (IBGE, 2019).

Entre os biomas brasileiros, a Mata Atlântica destaca-se por sua elevada biodiversidade e pela grande variedade de ecossistemas associados. Originalmente, sua área de ocorrência estendia-se ao longo da faixa litorânea brasileira, abrangendo formações como florestas ombrófilas, florestas estacionais, restingas, manguezais e campos de altitude. O bioma apresenta clima predominantemente tropical úmido, com elevados índices pluviométricos e temperaturas relativamente altas durante grande parte do ano. A combinação desses fatores favorece o desenvolvimento de uma vegetação densa, estratificada e rica em espécies vegetais e animais. Entretanto, devido ao intenso processo histórico de ocupação do território brasileiro, a Mata Atlântica é considerada um dos biomas mais ameaçados do país, restando apenas parte de sua cobertura original (IBGE, 2024; IBGE, 2020).

A Caatinga, por sua vez, constitui o único bioma exclusivamente brasileiro. Ocupa grande parte do Nordeste e está associada ao clima semiárido, caracterizado por chuvas escassas e irregulares, elevadas temperaturas e longos períodos de estiagem. A vegetação apresenta adaptações específicas para suportar a deficiência hídrica, destacando-se a presença de espécies xerófitas, cactáceas, bromeliáceas e arbustos de pequeno porte. Durante os períodos secos, muitas espécies perdem suas folhas, conferindo à paisagem uma coloração esbranquiçada que deu origem ao nome "Caatinga", derivado do tupi e que significa "mata branca". Apesar das limitações climáticas, o bioma apresenta significativa biodiversidade e elevada taxa de endemismo, desempenhando importante papel ecológico e socioeconômico para as populações do semiárido brasileiro (MMA, 2022; IBGE, 2019).

No município de Irará, localizado em uma área de transição ambiental entre a Mata Atlântica e a Caatinga, observam-se características de ambos os biomas. Essa condição favorece a diversidade de paisagens, influenciando diretamente a dinâmica climática, a cobertura vegetal, os processos pedogenéticos e a formação dos solos argilosos utilizados na produção da cerâmica tradicional do município.

Após a contextualização dos biomas Mata Atlântica e Caatinga, torna-se necessário compreender como essas características ambientais se manifestam especificamente no município de Irará. Considerando sua localização em uma área de transição ecológica, a dinâmica ambiental local apresenta particularidades relacionadas ao clima, vegetação e solos. Dessa forma, as seções seguintes serão dedicadas à caracterização desses aspectos físicos, buscando compreender sua influência na formação dos solos argilosos utilizados na produção da cerâmica tradicional do município e sua relação com a atividade ceramista desenvolvida pelas comunidades locais.

4.2 Clima

O município de Irará apresenta clima classificado como **As (Tropical com verão seco) na classificação de Köppen-Geiger (mapa 3)**. Esse tipo climático é caracterizado por temperaturas elevadas durante todo o ano, com média do mês mais frio superior a 18°C, e por um regime pluviométrico marcado pela concentração das chuvas durante o outono e o inverno, enquanto os meses de primavera e verão apresentam menor precipitação. No sistema Köppen, a letra "A" indica climas tropicais, enquanto a letra "s" refere-se à ocorrência de estação seca no verão.

Os dados climáticos de Irará, elaborados pelo WeatherSpark a partir de séries históricas compreendidas entre 1980 e 2016, demonstram que as temperaturas permanecem elevadas durante todo o ano. Os valores médios variam geralmente entre 17°C e 35°C, sendo que o período mais quente estende-se de novembro a abril. O mês de fevereiro apresenta as temperaturas mais elevadas, com máximas médias próximas de 35°C, enquanto o período mais ameno ocorre entre junho e agosto, quando as temperaturas médias diminuem significativamente (Gráfico 1).

Em relação ao regime pluviométrico, observa-se forte sazonalidade das chuvas. A estação mais úmida ocorre entre março e agosto, com maior concentração das precipitações entre abril e julho. O mês de maio apresenta os maiores índices pluviométricos do ano, configurando o pico da estação chuvosa, enquanto setembro

registra os menores volumes de precipitação (gráfico 2). Esse comportamento climático é compatível com a classificação climática As (Tropical com verão seco) adotada para a região, caracterizada pela concentração das chuvas nos meses de outono e inverno.

As condições climáticas observadas em Ipirá exercem influência direta sobre os processos pedogenéticos responsáveis pela formação dos solos argilosos utilizados na produção da cerâmica local. A combinação entre temperaturas elevadas durante todo o ano e a sazonalidade das chuvas favorece o intemperismo químico das rochas, promovendo a alteração dos minerais primários e a formação de minerais secundários, especialmente os argilominerais. Segundo Lepsch (2011), em regiões tropicais, a ação conjunta da água e do calor acelera as reações químicas de hidrólise, hidratação e oxidação, processos fundamentais para a decomposição das rochas e a formação dos solos.

Durante o período chuvoso, a infiltração da água intensifica a decomposição mineral e promove a movimentação de partículas finas ao longo do perfil do solo. Esse processo, denominado argiluviação, consiste na remoção de argilas dos horizontes superficiais e sua acumulação em horizontes subsuperficiais, contribuindo para a formação dos Argissolos, classe de solo predominante no município (EMBRAPA, 2018; IBGE, 2015). Nos períodos mais secos, a redução da umidade favorece a estabilização desses materiais, permitindo a consolidação dos horizontes ricos em argila.

Além disso, a alternância entre estações úmidas e secas, característica do clima As, contribui para o desenvolvimento de perfis profundos e bem diferenciados, com elevada concentração de partículas argilosas nos horizontes inferiores. Essas características conferem aos solos propriedades importantes para a atividade ceramista, como plasticidade, coesão e capacidade de modelagem. Dessa forma, o clima atua como um dos principais fatores de formação dos solos de Ipirá, influenciando diretamente a disponibilidade e a qualidade do barro utilizado pelas comunidades ceramistas do município.

Mapa 3- Tipologia climática

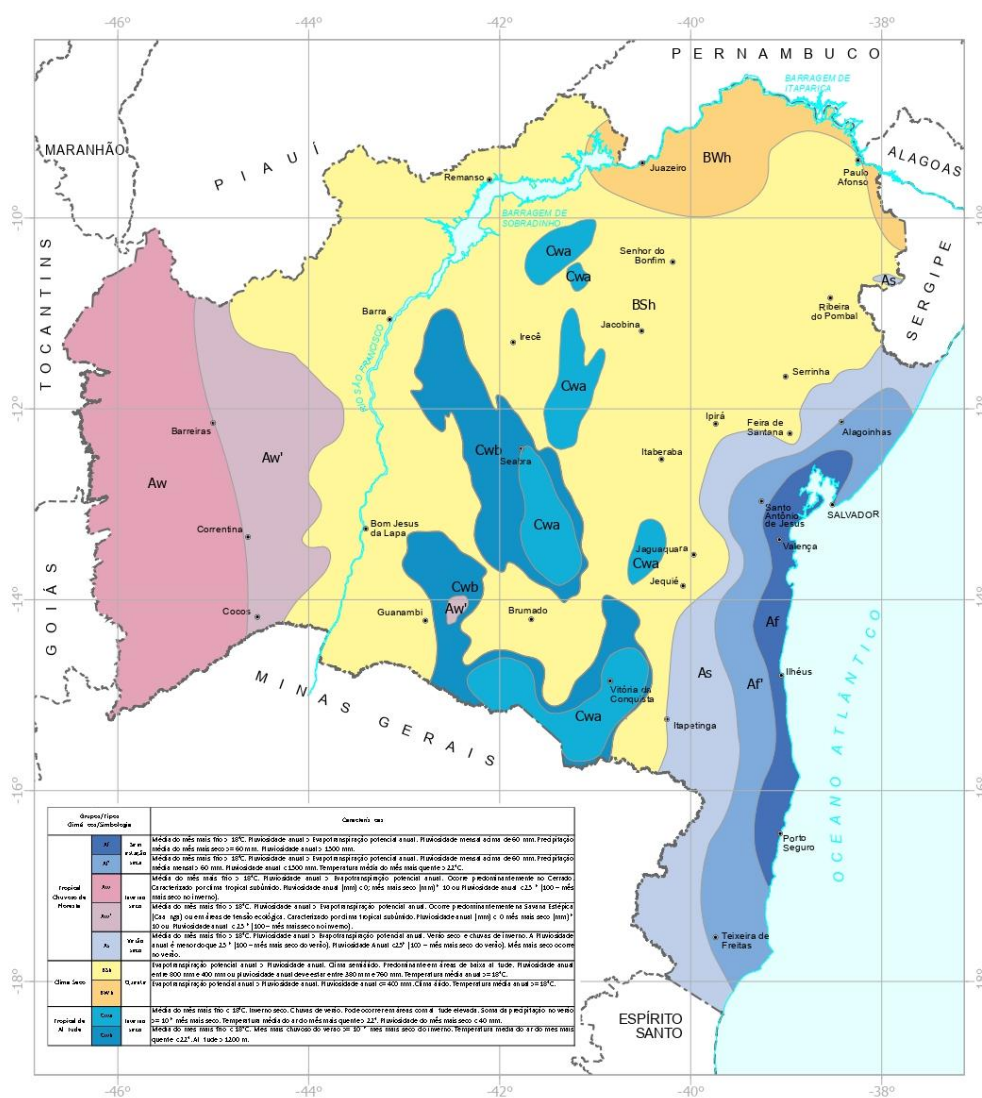
TIPOLOGIA CLIMÁTICA KOPPEN & GEIGER

Pluviometria 1981-2020

Temperatura 1991-2020

ESTADO DA BAHIA

2023



Cidade
Limite interestadual
Limite intermunicipal
Curso d'água
Massa d'água

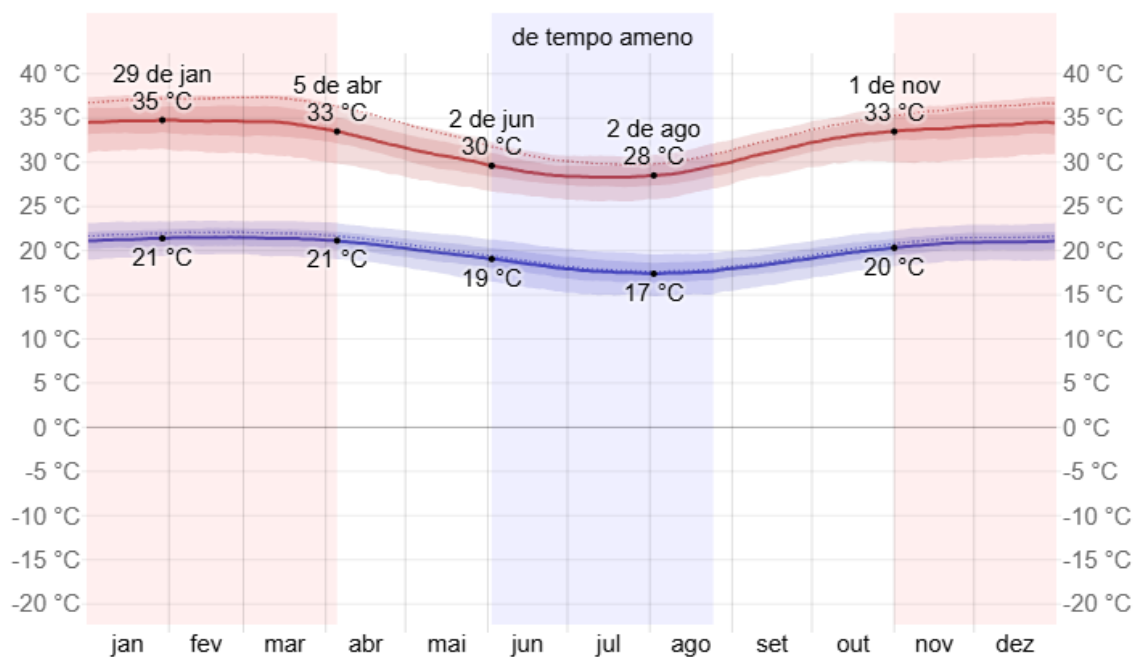


FONTE: INMET, 2022; INEMA, 2022; SEI, 2022.

NOTA: A temperatura média corresponde às médias mensais e anuais das médias compensadas no período de 1991-2020. Mapa elaborado pela Coordenação de Recursos Naturais e Ambientais - CRNA, editado pela Coordenação de Cartografia e Geoprocessamento - CARTGEO da Diretoria de Informações Geoespaciais - DIOGEO, no mês de Julho de 2023. Agradecemos a comunicação de falhas e/ou omissões verificadas neste mapa.

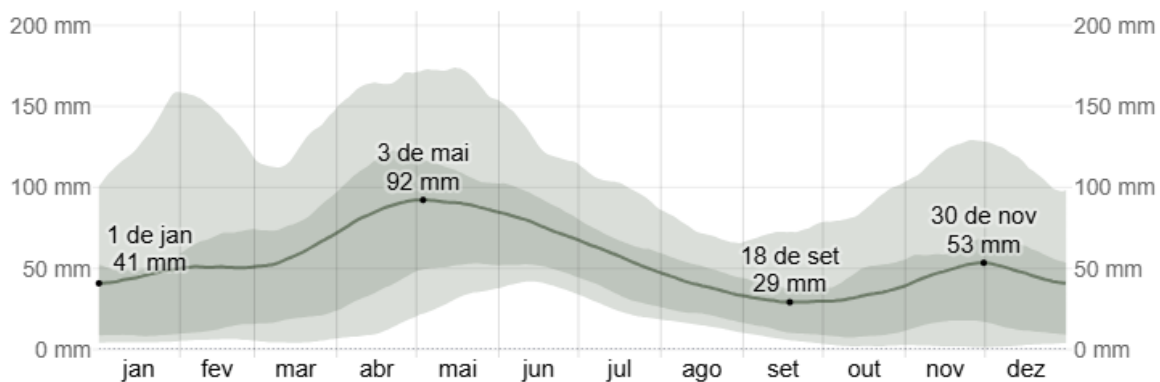
Fonte: SEI, 2022

Gráfico 1- Variação mensal de temperatura em Irará (1980-2016)



Fonte: Weather Spark, 2016.

Gráfico 2- Chuva média mensal em Irará (1980-2016)



Fonte: Weather Spark, 2016.

4.3 Vegetação

Irará, apresenta uma configuração vegetacional marcada pela transição entre os biomas Mata Atlântica e Caatinga (Mapa 2). Essa posição geográfica confere ao município características ecológicas particulares, refletidas na composição de sua cobertura vegetal. A análise integrada dos mapas de biomas e vegetação revela que Irará está inserido predominantemente no domínio da Mata Atlântica, embora apresente forte influência das condições ambientais associadas a Caatinga, sobretudo em razão da sazonalidade climática e da ocorrência de formações vegetais adaptadas ao déficit hídrico.

De acordo com o Manual Técnico da Vegetação Brasileira do IBGE (2012), as Florestas Estacionais são formações vegetais caracterizadas pela influência de um período seco bem definido, capaz de provocar alterações fisiológicas nas espécies arbóreas, principalmente a perda parcial ou total das folhas. Em Irará, a formação predominante é a **Floresta Estacional Decidua (Mapa 4)**, que ocupa a maior parte da área municipal. Essa vegetação está distribuída principalmente nas regiões central, sul e oeste do município, formando extensas áreas contínuas que constituem a principal unidade fitoecológica local.

A Floresta Estacional Decidua caracteriza-se por uma notável adaptação climática, em que a caducidade foliar atua como um mecanismo estratégico de sobrevivência das espécies vegetais contra o estresse hídrico severo durante a estação seca (OLIVEIRA, P. S.; MARQUIS, R. J. 2002). Esse comportamento representa uma adaptação às condições de menor disponibilidade hídrica e permite que as plantas reduzam a perda de água por transpiração. Durante os meses mais secos do ano, a paisagem assume um aspecto mais aberto, com árvores desfolhadas e maior exposição do solo. Já no período chuvoso ocorre a retomada do crescimento vegetativo, resultando em uma rápida recomposição da cobertura foliar.

A predominância dessa formação vegetal demonstra que Irará está submetido a condições climáticas intermediárias entre os ambientes úmidos do litoral baiano e os ambientes semiáridos do interior nordestino. A ocorrência da Floresta Estacional Decidua indica a existência de uma sazonalidade pluviométrica significativa, como discutido anteriormente, capaz de influenciar diretamente a dinâmica ecológica da vegetação. Além disso, essa formação apresenta espécies adaptadas a períodos prolongados de estiagem, muitas delas compartilhando características ecológicas semelhantes às observadas em áreas de Caatinga.

A **Floresta Estacional Semidecidual** ocorre em porções mais restritas do território, concentrando-se principalmente nos setores norte, nordeste e em pequenas áreas do sudeste municipal. Diferentemente da formação decidual, nessa vegetação a perda de folhas ocorre em menor intensidade, atingindo entre 20% e 50% dos indivíduos arbóreos durante a estação seca (SILVA, J. dos S. V. da; COSTA, F. S. C. da. 2010). A presença dessa formação está associada a locais com maior disponibilidade hídrica, seja em função das condições topográficas, da profundidade dos solos ou da influência de drenagens locais.

Essas áreas semidecíduais representam setores de transição para condições ambientais mais úmidas e demonstram a influência da Mata Atlântica sobre a paisagem municipal. As florestas estacionais semidecíduais, classificadas anteriormente como florestas subcaducifólias, são formações de ambientes menos úmidos do que aqueles onde se desenvolve a floresta ombrófila densa. Em geral, ocupam ambientes que transitam entre a zona úmida costeira e o ambiente semiárido (Embrapa, 2021). A vegetação tende a apresentar maior densidade arbórea, maior sombreamento e uma estrutura florística mais diversificada em comparação às áreas dominadas pela Floresta Estacional Decidual.

Outro elemento importante identificado no mapa é a ocorrência de áreas classificadas como **Contato Savana-Estépica/Floresta Estacional (TN)**. Segundo o IBGE, essas áreas correspondem às chamadas Áreas de Tensão Ecológica, também conhecidas como ecótonos. Nesses ambientes ocorre a interpenetração de espécies provenientes de diferentes formações vegetais, resultando em comunidades de elevada diversidade biológica e grande complexidade ecológica.

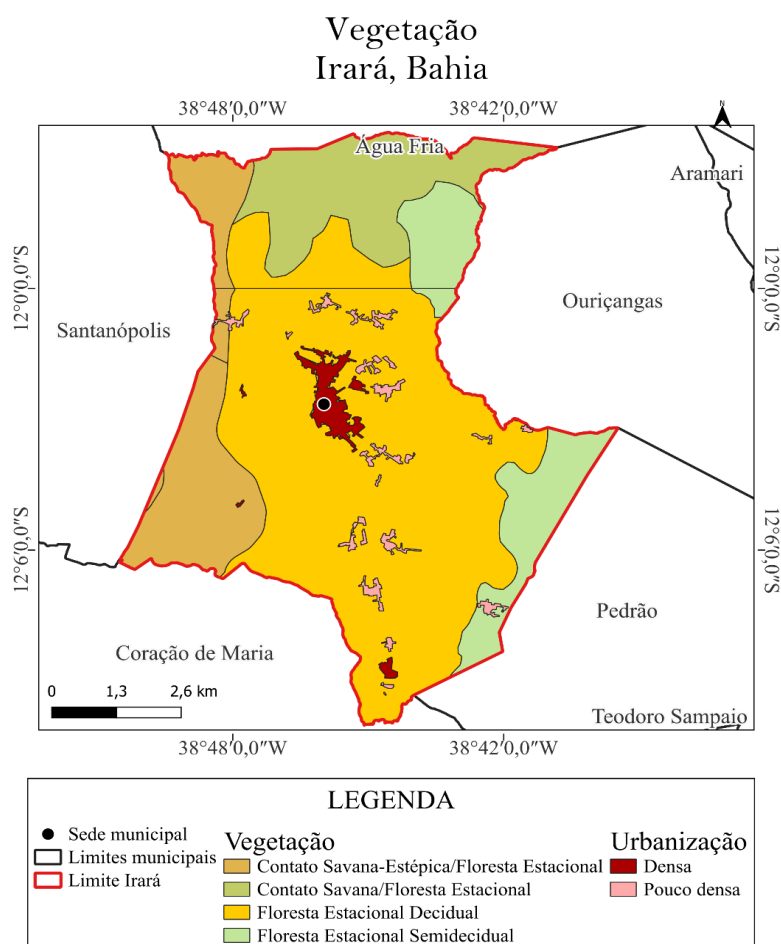
Esses contatos refletem a interação entre elementos florísticos associados à Caatinga, representada pela Savana-Estépica, e espécies típicas das Florestas Estacionais. Essas zonas de transição são extremamente importantes para a conservação ambiental, pois funcionam como corredores ecológicos e abrigam espécies adaptadas a diferentes condições ambientais. Além disso, apresentam elevada sensibilidade às alterações climáticas e às transformações provocadas pelas atividades humanas (IBAMA, 2003).

A interação entre solo e vegetação exerce influência direta sobre a dinâmica ambiental do município. A cobertura vegetal protege os solos contra processos erosivos, reduz a velocidade do escoamento superficial e favorece a infiltração da água da chuva. Além disso, a deposição de matéria orgânica proveniente da queda

de folhas contribui para a manutenção da fertilidade dos solos e para a ciclagem de nutrientes.

Sob a perspectiva biogeográfica, a vegetação de Irará evidencia o caráter de transição existente entre os domínios da Mata Atlântica e da Caatinga. Embora o município esteja oficialmente inserido no bioma Mata Atlântica, a predominância da Floresta Estacional Decidual demonstra a influência das condições climáticas mais secas típicas do Agreste baiano. Essa combinação de fatores resulta em uma paisagem heterogênea e ecologicamente complexa, marcada pela coexistência de diferentes formações vegetais e por importantes áreas de tensão ecológica.

Mapa 4- Vegetação predominante em Irará



Fonte: IBGE, 2022/2019; SEI, 2019; INEMA; 2019.
Elaboração: OLIVEIRA, R. S. 2026.

Fonte: Do Autor, 2026

4.4 Geologia

A distribuição das classes de rochas em Igarapé revela o predomínio das rochas sedimentares, que ocupam a maior parte do território municipal, abrangendo principalmente as regiões central, norte, leste e sul. As rochas metamórficas apresentam ocorrência mais restrita, concentrando-se sobretudo nos setores oeste e sudeste do município (Mapa 6). Essa configuração geológica possui estreita relação com a distribuição dos Argissolos Vermelho-Amarelos, uma vez que o material de origem constitui um dos principais fatores responsáveis pela formação e evolução dos solos (LEPSCH, 2011; EMBRAPA, 2018).

As rochas sedimentares são formadas pela deposição e consolidação de sedimentos ao longo do tempo geológico e, em geral, apresentam menor grau de coesão mineral quando comparadas às rochas metamórficas. Essa característica as torna mais suscetíveis aos processos de intemperismo físico e químico, especialmente em ambientes tropicais marcados por elevadas temperaturas e sazonalidade das chuvas. Segundo Press et al. (2006), a presença de minerais menos resistentes e a própria estrutura sedimentar favorecem a decomposição mineral, acelerando a produção de partículas finas que servirão como material de origem para os solos.

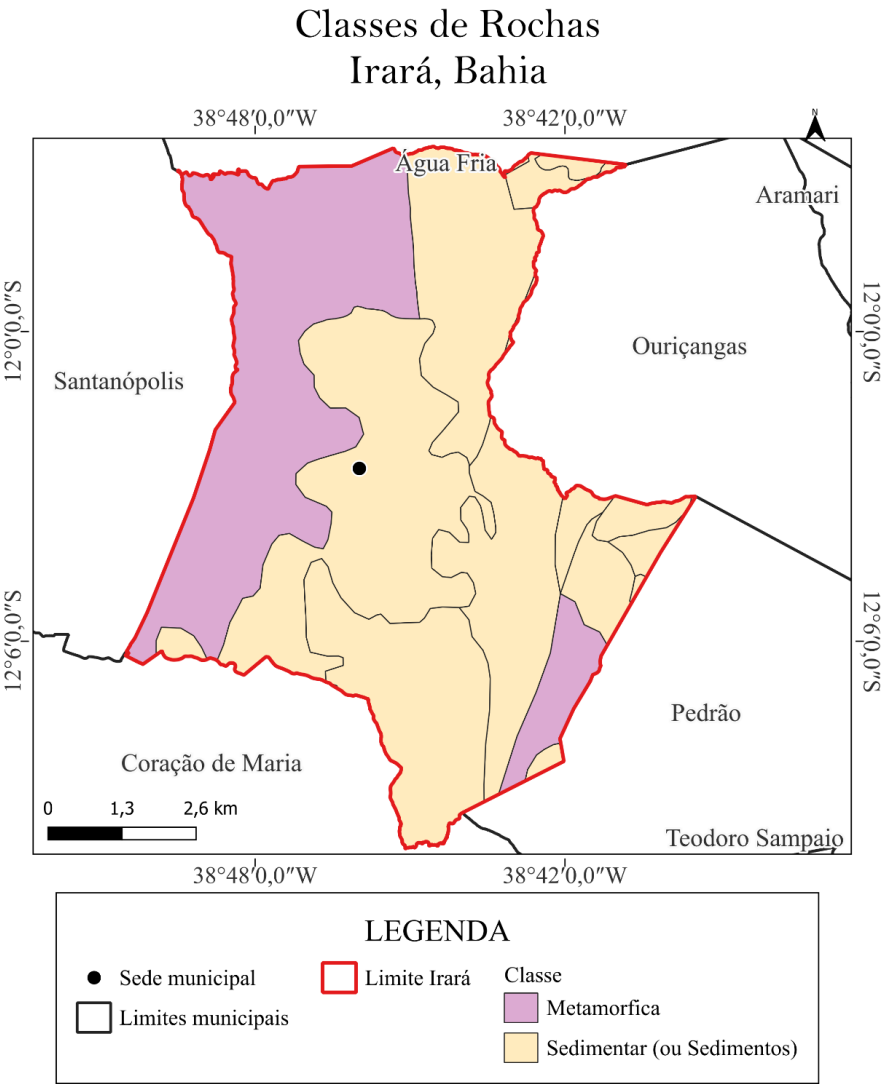
No caso de Igarapé, a predominância de rochas sedimentares associada ao clima tropical As favoreceu, ao longo de milhares de anos, a intensa atuação dos processos de hidrólise, oxidação e dissolução mineral. Como resultado, ocorreu a transformação gradual dos minerais primários em minerais secundários, especialmente os argilominerais, responsáveis pela constituição da fração argila dos solos. Esse processo contribuiu para o desenvolvimento de perfis profundos e bem diferenciados, característicos dos Argissolos Vermelho-Amarelos encontrados no município (IBGE, 2015; EMBRAPA, 2018).

Outro processo fundamental na gênese desses solos é a argiluviação, caracterizada pela migração das partículas de argila dos horizontes superficiais para os horizontes subsuperficiais. A elevada disponibilidade de material argiloso proveniente do intemperismo das rochas sedimentares favorece a formação do horizonte B textural, principal característica diagnóstica dos Argissolos. Dessa forma, a própria natureza geológica do município contribui para o enriquecimento dos horizontes inferiores em argila, resultando em solos com textura média a argilosa e elevada profundidade (IBGE, 2015).

As rochas metamórficas presentes em parte do território também participam da formação dos solos locais. Entretanto, por apresentarem maior recristalização mineral e estrutura mais compacta, tendem a sofrer alteração mais lenta quando comparadas a muitos materiais sedimentares. Ainda assim, quando submetidas ao intemperismo prolongado, fornecem minerais secundários e óxidos de ferro que contribuem para a coloração vermelho-amarelada dos Argissolos e para o desenvolvimento de suas propriedades físicas e químicas (LEPSCH, 2011).

A influência da geologia sobre os solos possui importância direta para a atividade ceramista desenvolvida em Ipirá. O predomínio de rochas sedimentares favoreceu a formação de solos com elevados teores de argila, matéria-prima essencial para a produção do barro utilizado pelas louceiras e ceramistas locais. A abundância desses materiais, associada aos processos pedogenéticos que atuam sobre os Argissolos Vermelho-Amarelos, contribui para a disponibilidade de argilas com características adequadas de plasticidade, coesão e resistência, fundamentais para a modelagem e a queima das peças cerâmicas produzidas no município.

Mapa 5- Rochas predominantes em Irará



Fonte: IBGE, 2022/2019; SEI, 2019; INEMA, 2019.
Elaboração: OLIVEIRA, R. S. 2026.

Fonte: Do Autor, 2026.

4.5 Solos

A distribuição dos solos no município de Iará demonstra o predomínio dos **Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos**, acompanhados por manchas menores de **Argissolos Vermelho-Amarelos Eutróficos** (Mapa 6). Essa configuração revela a forte influência dos processos de intemperismo, da dinâmica climática regional e da cobertura vegetal sobre a formação da paisagem pedológica local. Segundo o Sistema Brasileiro de Classificação de Solos da Embrapa e o Manual Técnico de Pedologia do IBGE, os Argissolos constituem uma das classes de solos mais comuns do Nordeste brasileiro, caracterizando-se pela presença de um horizonte B textural, resultante do acúmulo de argila transportada dos horizontes superficiais para camadas mais profundas do perfil.

No município de Iará, os **Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos** ocupam a maior parte do território, abrangendo as regiões norte, centro, leste e sul. Esses solos apresentam baixa saturação por bases, o que significa menor disponibilidade natural de nutrientes essenciais às plantas (CAVEDON, A. D.; SHINZATO, E. 2000). Em geral, são moderadamente profundos, bem drenados e possuem textura variando de média a argilosa. Sua coloração vermelho-amarelada resulta da presença de óxidos de ferro em diferentes graus de hidratação, característica típica de ambientes submetidos a intenso intemperismo químico ao longo do tempo geológico.

A predominância dos Argissolos em Iará está diretamente relacionada às condições climáticas da região, caracterizadas pela alternância entre períodos chuvosos e secos. Essa sazonalidade favorece a infiltração da água no perfil do solo e a translocação de partículas finas de argila dos horizontes superficiais para horizontes subsuperficiais, processo denominado argiluviação. Como resultado, forma-se um horizonte B textural enriquecido em argila, característica diagnóstica dos Argissolos (IBGE, 2015; EMBRAPA, 2018). A ocorrência contínua desse processo ao longo do tempo contribui para a elevada presença de materiais argilosos observada em diversas áreas do município, constituindo uma importante base para a atividade ceramista local.

Os **Argissolos Vermelho-Amarelos Eutróficos**, por sua vez, aparecem em áreas mais restritas, especialmente na porção sudoeste, sul e em pequenas manchas no nordeste municipal. Diferentemente dos distróficos, esses solos apresentam maior fertilidade natural devido à maior saturação por bases, contendo concentrações mais

elevadas de cálcio, magnésio e potássio (SANTOS, H. G. [et al.]. 2018). Essas características favorecem atividades agrícolas e contribuem para o desenvolvimento de uma vegetação relativamente mais vigorosa quando comparada às áreas distróficas.

Do ponto de vista físico, tanto os Argissolos Distróficos quanto os Eutróficos possuem uma característica fundamental para a economia tradicional de Iará: a elevada concentração de argila em determinados horizontes do perfil. Essa propriedade está diretamente relacionada à produção do barro utilizado na fabricação de cerâmicas artesanais.

A formação da argila presente nos solos de Iará resulta de processos pedogenéticos desenvolvidos ao longo de extensos períodos geológicos. O intemperismo químico atua na decomposição dos minerais primários constituintes das rochas, promovendo a formação de minerais secundários, especialmente os argilominerais. A ação integrada dos fatores de formação do solo, incluindo clima, organismos, material de origem, relevo e tempo, favorece a transformação dos materiais rochosos em partículas cada vez mais finas, que podem ser posteriormente redistribuídas no perfil do solo por processos de translocação, contribuindo para a formação de horizontes enriquecidos em argila (LEPSCH, 2011)

Nos Argissolos, ocorre um processo denominado **argiluviação**, caracterizado pela remoção e transporte de partículas de argila dos horizontes superficiais para horizontes subsuperficiais através da água que infiltra no perfil do solo. Esse processo resulta no enriquecimento do horizonte B em argila, formando um gradiente textural entre os horizontes superiores e inferiores, característica marcante dessa classe de solo (LEPSCH, 2011; KER et al., 2012). Esse fenômeno resulta na formação de camadas enriquecidas em argila, conhecidas por apresentarem elevada plasticidade e capacidade de modelagem, propriedades essenciais para a atividade ceramista.

A vegetação desempenha papel fundamental nesse processo. A predominância da Floresta Estacional Decidual contribui para a proteção do solo contra erosão excessiva e favorece a infiltração da água. Durante a estação seca, característica das formações de Floresta Estacional Decidual, ocorre a deposição de folhas, galhos, flores e frutos sobre a superfície do solo, formando a serapilheira. Essa camada desempenha papel fundamental na proteção do solo contra o impacto direto das gotas de chuva, na redução da erosão, na conservação da umidade e na manutenção da fertilidade. Além disso, a decomposição desse material promove a ciclagem de

nutrientes e o aumento do teor de matéria orgânica, contribuindo para a melhoria da estrutura física do solo, para a agregação das partículas e para a retenção de água (ODUM; BARRETT, 2007) o que influencia na qualidade do barro e na resistência e durabilidade da cerâmica.

Além disso, a alternância entre períodos secos e chuvosos, típica do clima do município, influencia diretamente as propriedades do barro. Durante a estação úmida ocorre maior intemperismo das rochas e transporte de partículas finas. Já nos períodos secos há concentração e estabilização desses materiais, contribuindo para a formação de depósitos argilosos adequados à produção cerâmica.

Historicamente, os oleiros e artesãos de Ipirá selecionam áreas específicas para a extração do barro, geralmente localizadas em baixadas, pequenas depressões topográficas e setores onde os Argissolos apresentam maior teor de argila. Nessas áreas, os horizontes argilosos fornecem matéria-prima de boa plasticidade, permitindo a confecção de potes, moringas, panelas, vasos e outros artefatos cerâmicos tradicionais que fazem parte da identidade cultural do município.

A qualidade do barro utilizado na cerâmica está relacionada principalmente a três características dos Argissolos locais:

- **Plasticidade elevada**, que facilita a modelagem das peças;
- **Boa coesão entre partículas**, reduzindo rachaduras durante a secagem;
- **Presença equilibrada de minerais argilosos**, favorecendo a resistência após a queima.

Desse modo, a análise dos aspectos climáticos, pedológicos e fitogeográficos de Ipirá evidencia a estreita relação entre os elementos naturais da paisagem e a construção das atividades produtivas e culturais do município. O clima favorece processos de intemperismo químico e de translocação de partículas finas ao longo do perfil do solo, contribuindo para a formação dos Argissolos Vermelho-Amarelos predominantes na região. Nesses solos, a ocorrência da argiluviação promove o enriquecimento dos horizontes subsuperficiais em argila, característica fundamental para a disponibilidade do barro utilizado na produção cerâmica.

Paralelamente, a cobertura vegetal, composta predominantemente por Floresta Estacional Decidual e, em menor proporção, por Floresta Estacional Semidecidual e áreas de tensão ecológica entre Mata Atlântica e Caatinga, desempenha papel essencial na conservação dos solos. A deposição sazonal de serapilheira contribui para a proteção da superfície contra processos erosivos, favorece a ciclagem de

nutrientes, aumenta o teor de matéria orgânica e melhora a estrutura física do solo. Esses processos auxiliam na manutenção das condições necessárias para a formação e conservação dos horizontes argilosos, demonstrando a forte interação entre vegetação e pedogênese.

Nesse contexto, os Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos constituem a principal classe pedológica do município, ocupando a maior parte do território, enquanto os Argissolos Vermelho-Amarelos Eutróficos ocorrem em áreas mais restritas. Embora apresentem diferenças quanto à fertilidade natural, ambas as classes compartilham características importantes para a atividade ceramista, como a presença de horizontes enriquecidos em argila, boa plasticidade e capacidade de modelagem do material extraído. Tais atributos resultam de longos processos de formação do solo, nos quais atuam conjuntamente o material de origem, o clima, a vegetação, o relevo e o tempo geológico.

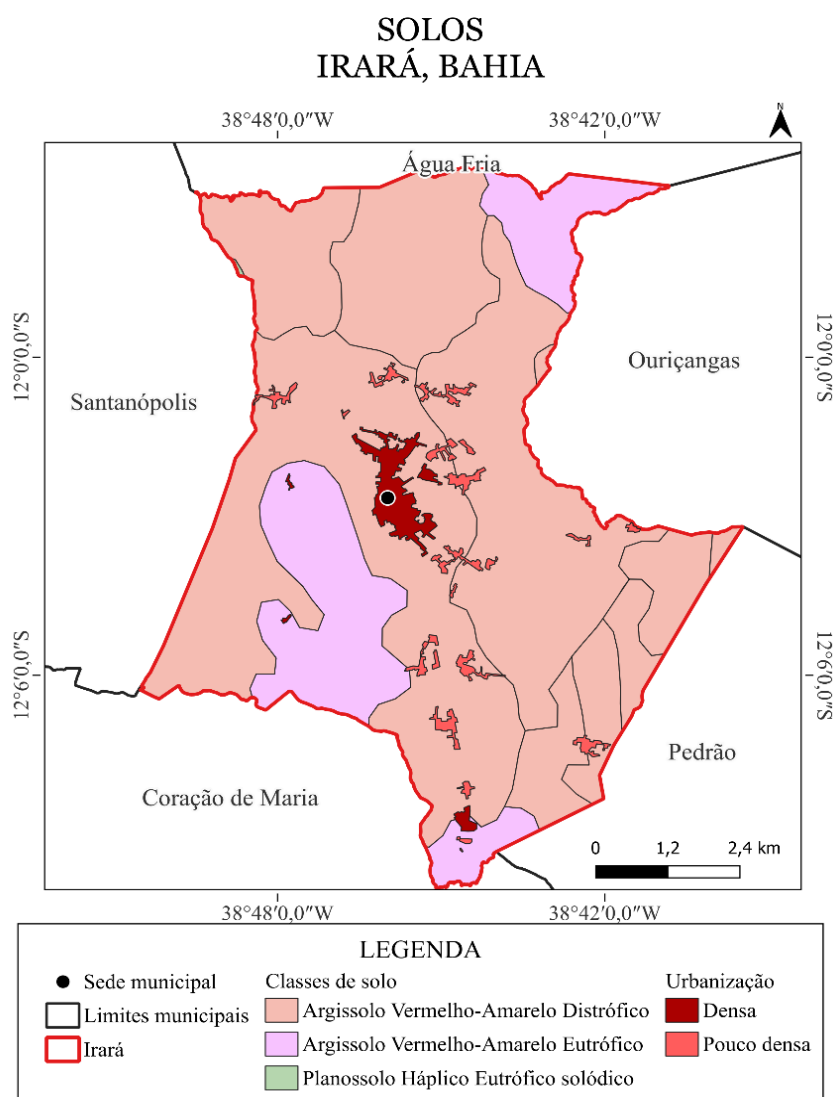
Dessa forma, o barro utilizado pelos artesãos de Irará não pode ser compreendido apenas como um recurso mineral destinado à produção de artefatos cerâmicos. Ele representa o resultado de uma complexa interação entre fatores naturais que atuaram durante milhares de anos na construção da paisagem local. A cerâmica iraraense constitui, portanto, uma expressão da relação entre sociedade e natureza, na qual os atributos ambientais do território são incorporados aos saberes tradicionais transmitidos entre gerações.

Sob essa perspectiva, os solos de Irará ultrapassam sua função produtiva e assumem relevante significado cultural, histórico e identitário. A disponibilidade de argilas de qualidade, associada às condições climáticas e à dinâmica da vegetação estacional, possibilitou o desenvolvimento de uma atividade artesanal que se consolidou como um dos principais elementos do patrimônio territorial do município. Assim, a cerâmica de Irará pode ser entendida como uma manifestação cultural profundamente vinculada às características geográficas locais, evidenciando como os recursos naturais influenciam a formação das identidades, dos modos de vida e das atividades econômicas de uma comunidade.

Essa estreita relação entre os atributos naturais do território e o saber-fazer tradicional dos ceramistas constitui um importante diferencial da produção local, uma vez que as características do barro utilizado estão diretamente associadas às condições ambientais específicas do município. Nesse sentido, a interação entre fatores naturais e culturais confere singularidade à cerâmica iraraense, fortalecendo

sua identidade territorial e evidenciando elementos que podem fundamentar processos de valorização e reconhecimento de sua origem geográfica. Dessa forma, a análise das características ambientais de Irará fornece subsídios para a discussão acerca do potencial de reconhecimento da cerâmica local por meio de instrumentos de proteção e valorização territorial, especialmente a **Indicação Geográfica**.

Mapa 6- Solos predominantes em Irará



Fontes: SEI, 2019; IBGE, 2022/2019; INEMA, 2004.
Elaboração: OLIVEIRA, R. S. 2026.

Fonte: Do Autor, 2026

5 DESCRIÇÃO DOS ASPECTOS FÍSICOS

Com forme observado nos mapas e o que foi discutido anteriormente, a distribuição dos solos no município de Irará resulta da interação entre os fatores clássicos de formação dos solos: clima, organismos, relevo, material de origem e tempo de atuação dos processos pedogenéticos (JENNY, 1941; LEPSCH, 2011). A análise integrada dos mapas de biomas, vegetação, geologia e solos evidencia que os Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos constituem a classe pedológica dominante no município, ocupando praticamente toda a área central, norte, leste e sul de Irará, enquanto os Argissolos Vermelho-Amarelos Eutróficos ocorrem em áreas mais restritas, principalmente nos setores sudoeste e nordeste.

A localização de Irará em uma zona de transição entre os domínios da Mata Atlântica e da Caatinga exerce papel fundamental na dinâmica ambiental local. Conforme observado no mapa de biomas, a maior parte do território encontra-se inserida no domínio da Mata Atlântica, enquanto a porção oeste apresenta influência da Caatinga. Essa condição favorece a ocorrência de ambientes ecotonais e de formações vegetacionais diversificadas, como a Floresta Estacional Decidua, a Floresta Estacional Semidecidual e áreas de contato entre Savana-Estépica e Florestas Estacionais (IBGE, 2019; IBGE, 2012).

A vegetação exerce influência direta na formação dos solos por meio da produção de serrapilheira e da ciclagem de nutrientes. Nas áreas dominadas pela Floresta Estacional Decidua, predominante em grande parte do município, a intensa queda de folhas durante a estação seca promove o acúmulo de matéria orgânica sobre a superfície do solo. Com o retorno das chuvas, essa matéria orgânica é decomposta, liberando nutrientes e contribuindo para o desenvolvimento dos horizontes superficiais dos solos (IBGE, 2012; OLIVEIRA; MARQUIS, 2002). Embora a disponibilidade hídrica seja sazonal, a produção contínua de biomassa ao longo do tempo favorece a manutenção dos processos pedogenéticos responsáveis pela evolução dos Argissolos.

O clima também desempenha papel decisivo nesse processo. De acordo com os dados do WeatherSpark e com a classificação climática de Köppen adotada pela SEI (2023), Irará apresenta clima Tropical com verão seco (As), caracterizado por temperaturas elevadas durante todo o ano e concentração das chuvas entre os meses de abril e julho. Essa combinação entre calor e umidade sazonal favorece o

intemperismo químico, considerado o principal mecanismo de transformação das rochas em solo nas regiões tropicais. Segundo Toledo et al. (2009), a hidrólise dos minerais silicatados é intensificada em ambientes quentes e úmidos, promovendo a formação de minerais secundários, especialmente os argilominerais.

Entretanto, o fator que mais se destaca na explicação da ampla distribuição dos Argissolos em Irará é a geologia. O mapa de classes de rochas demonstra que as rochas sedimentares ocupam a maior parte do território municipal, enquanto as rochas metamórficas aparecem apenas em setores mais restritos do oeste e sudeste. De modo geral, as rochas sedimentares tendem a apresentar menor resistência ao intemperismo do que as rochas metamórficas, embora essa resistência varie significativamente em função da composição mineralógica, do grau de cimentação e das características estruturais de cada litologia. Segundo Press et al. (2006), a estrutura menos compacta e a composição mineralógica de muitos materiais sedimentares favorecem sua decomposição física e química, acelerando a produção de partículas finas.

Ao longo de milhares de anos, a ação combinada das chuvas, da temperatura elevada e da atividade biológica promoveu a alteração dessas rochas sedimentares, resultando na formação de grandes volumes de material argiloso. Posteriormente, os processos de eluviamento e argiluviação transportaram parte dessas partículas dos horizontes superficiais para os horizontes subsuperficiais, formando o horizonte B textural que caracteriza os Argissolos (EMBRAPA, 2018; IBGE, 2015).

A correlação espacial entre os mapas evidencia essa relação. As áreas dominadas por rochas sedimentares coincidem amplamente com a distribuição dos Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos. Já as áreas onde ocorrem os Argissolos Vermelho-Amarelos Eutróficos apresentam associação com materiais de origem diferenciados e maior disponibilidade de bases trocáveis, refletindo características mineralógicas específicas do substrato geológico local. Dessa forma, a predominância das rochas sedimentares, associada ao clima tropical sazonal, à cobertura vegetal e ao longo tempo de atuação dos processos pedogenéticos, explica a expressiva presença dos Argissolos no município de Irará.

A análise integrada dos mapas de biomas, vegetação, classes de rochas e solos permite compreender que a expansão urbana de Irará se desenvolveu sobre um conjunto de elementos naturais preexistentes. A sede municipal e as áreas de urbanização pouco densa não se distribuem de forma isolada da base físico-natural,

mas se sobrepõem a uma paisagem marcada pela predominância do bioma Mata Atlântica, pela ocorrência expressiva da Floresta Estacional Decidual, pela presença majoritária de rochas sedimentares e pela ampla distribuição dos Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos.

Essa leitura reforça a compreensão de que o espaço urbano é produzido a partir da transformação da natureza. Para Santos (2006), o espaço geográfico deve ser entendido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, no qual os objetos naturais, ao longo do processo histórico, são modificados, substituídos ou reorganizados por objetos técnicos e sociais. Nesse sentido, a urbanização de Irará pode ser interpretada como uma forma de apropriação e transformação da base natural do município, uma vez que ruas, edificações, equipamentos urbanos e áreas de expansão se instalaram sobre solos, rochas, formações vegetais e domínios ambientais anteriormente existentes.

No mapa de biomas, observa-se que a maior parte da urbanização de Irará está inserida no domínio da Mata Atlântica, embora o município também apresente influência da Caatinga em sua porção oeste. Já o mapa de vegetação evidencia que a sede municipal e parte das áreas urbanizadas se localizam sobre áreas originalmente associadas à Floresta Estacional Decidual, formação vegetal adaptada à sazonalidade climática e à alternância entre períodos secos e chuvosos. Essa sobreposição demonstra que a expansão urbana ocorreu em áreas antes ocupadas por formações vegetais naturais ou seminaturais, contribuindo para a substituição parcial da cobertura vegetal por usos urbanos.

Do ponto de vista geológico, o mapa de classes de rochas indica que a urbanização se encontra predominantemente sobre áreas de rochas sedimentares ou sedimentos. Esse aspecto é relevante porque tais materiais, quando submetidos ao intemperismo físico e químico em ambiente tropical, contribuem para a formação de partículas finas e argilominerais, fundamentais para a constituição dos solos argilosos do município. Assim, a cidade se desenvolveu sobre uma base geológica que também participa da formação da matéria-prima utilizada na cerâmica artesanal.

O mapa de solos, por sua vez, demonstra que a mancha urbana de Irará está situada principalmente sobre Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos. Esses solos são caracterizados pela presença de horizonte B textural, resultante do acúmulo de argila em subsuperfície, processo associado à argiluviação. Dessa forma, a urbanização de Irará se sobrepõe justamente a uma classe de solo importante para a

compreensão da disponibilidade de barro no município. Essa condição evidencia que os elementos naturais não apenas antecedem a urbanização, mas continuam condicionando as formas de uso e apropriação do território.

Portanto, a urbanização de Irará deve ser compreendida como parte do processo histórico de produção do espaço, no qual a sociedade transforma a natureza para atender às suas necessidades de moradia, circulação, comércio, serviços e reprodução da vida cotidiana. Entretanto, essa transformação não elimina a importância da base natural. Pelo contrário, os mapas demonstram que a cidade foi construída sobre uma estrutura ambiental composta por biomas, vegetação, rochas e solos que continuam sendo fundamentais para explicar a dinâmica territorial do município e sua relação com a cerâmica artesanal.

5.1 A singularidade da cerâmica de Irará e sua relação com o meio físico

A produção cerâmica de Irará não pode ser compreendida apenas como uma atividade econômica ou manifestação cultural isolada. Sua singularidade resulta da interação histórica entre os saberes tradicionais das comunidades produtoras e as características ambientais específicas do território. Nesse sentido, a cerâmica constitui um produto territorial, cuja qualidade e identidade estão diretamente relacionadas às condições naturais locais.

A ampla ocorrência dos Argissolos Vermelho-Amarelos fornece uma base essencial para a atividade ceramista. Esses solos apresentam elevados teores de argila acumulados nos horizontes subsuperficiais em decorrência do processo de argiluviação. A presença dessa fração granulométrica confere ao barro propriedades fundamentais para a produção cerâmica, como plasticidade, coesão, moldabilidade e resistência após a queima (EMBRAPA, 2018).

Além da quantidade de argila disponível, a composição mineralógica desses solos exerce influência direta sobre a qualidade das peças produzidas. Os argilominerais formados a partir do intemperismo das rochas sedimentares apresentam características físicas que favorecem a modelagem manual realizada pelas louceiras. Durante o preparo do barro, essas partículas permitem a obtenção de uma massa homogênea, capaz de suportar os processos de secagem e queima sem apresentar elevado índice de fissuras ou deformações.

A vegetação também participa desse processo produtivo. Historicamente, as formações de Floresta Estacional Decidual forneceram lenha para a queima das peças e contribuíram para a manutenção dos processos de formação dos solos por meio da deposição de matéria orgânica. Embora atualmente existam restrições ambientais relacionadas ao uso da madeira, a relação entre a atividade ceramista e os recursos vegetais permanece como elemento importante da história produtiva local.

O clima de Ipirá igualmente influencia a produção. Os períodos secos favorecem a secagem natural das peças antes da queima, reduzindo a umidade residual do barro e minimizando perdas durante o processo produtivo. Já as chuvas contribuem para a manutenção dos processos naturais de formação dos solos e para a renovação das áreas de extração do barro. Assim, a sazonalidade climática atua tanto na formação da matéria-prima quanto nas etapas de produção da cerâmica.

A singularidade da cerâmica ipiraense também está associada ao conhecimento acumulado pelas comunidades produtoras ao longo de gerações. O saber-fazer tradicional envolve a identificação das melhores áreas de extração do barro, a seleção dos materiais mais adequados, a preparação da massa cerâmica, as técnicas de modelagem e os procedimentos de queima. Esses conhecimentos foram transmitidos intergeracionalmente, sobretudo pelas mulheres ceramistas, conhecidas localmente como louceiras, constituindo um patrimônio cultural imaterial profundamente enraizado no território.

Dessa forma, a cerâmica de Ipirá representa a materialização da relação entre natureza e cultura. A predominância de rochas sedimentares, a formação de Argissolos ricos em argila, o clima tropical sazonal, a vegetação característica da transição entre Mata Atlântica e Caatinga e os conhecimentos tradicionais das comunidades produtoras constituem elementos inseparáveis que conferem identidade própria ao produto. Essa forte associação entre o território, os recursos naturais e o saber-fazer tradicional reforça a notoriedade da cerâmica ipiraense e evidencia seu potencial para o reconhecimento por meio de uma Indicação Geográfica.

6 LÓCUS DA PRODUÇÃO DA CERÂMICA DE IRARÁ E POTENCIALIDADE PARA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA

Com base nos aspectos históricos, culturais e territoriais discutidos ao longo deste trabalho, é fundamental destacar o papel central desempenhado pela comunidade quilombola da Olaria na manutenção e reprodução da tradição ceramista de Irará. Conforme aponta Santos (2010), a produção de objetos cerâmicos constitui uma prática tradicional desenvolvida entre as famílias da comunidade e transmitida de geração em geração, sendo historicamente conduzida pelas mulheres. O saber-fazer cerâmico é aprendido no ambiente familiar, principalmente por meio das relações entre mães, filhas, sogras e noras, configurando um importante mecanismo de preservação dos conhecimentos tradicionais e da identidade cultural local.

A autora destaca que as louceiras não apenas dominam as técnicas de extração do barro, modelagem, secagem e queima das peças, mas também desempenham papel fundamental na transmissão desses conhecimentos às novas gerações. Dessa forma, a cerâmica ultrapassa a dimensão produtiva e econômica, constituindo-se como patrimônio cultural e elemento estruturante da memória coletiva da comunidade (SANTOS, 2010).

A comunidade quilombola da Olaria localiza-se na região da Serra de Irará, a noroeste da sede municipal, em uma área historicamente ocupada por populações negras rurais. Segundo Santos (2009), a origem da comunidade está associada ao estabelecimento de famílias descendentes de pessoas escravizadas que construíram estratégias de resistência e permanência no território. As narrativas locais registradas pela autora indicam a presença de moradores na região desde meados do século XIX, com referências a ocupações anteriores à promulgação da Lei Áurea, em 1888.

Nesse contexto, a produção cerâmica assume significado que vai além da geração de renda. Ela representa uma expressão material da memória quilombola, da resistência negra e da relação histórica da comunidade com o território. Cada peça produzida carrega não apenas as características físicas do barro extraído dos solos de Irará, mas também os conhecimentos, experiências e práticas culturais acumuladas ao longo de gerações. Assim, a cerâmica da Olaria configura-se como um importante patrimônio cultural imaterial, cuja continuidade depende da preservação dos saberes tradicionais e das condições sociais e territoriais que permitiram sua reprodução histórica.

A forte relação entre território, recursos naturais, ancestralidade e transmissão intergeracional dos conhecimentos confere singularidade à cerâmica produzida na comunidade da Olaria. Essa articulação entre fatores humanos e naturais reforça a notoriedade do produto e evidencia sua relevância para a construção da identidade territorial de Irará, constituindo um dos principais elementos que sustentam a discussão sobre o potencial reconhecimento da cerâmica local por meio de uma Indicação Geográfica.

A produção cerâmica de Irará possui também importância econômica. Um estudo sobre Indicações Geográficas no Portal do Sertão, conduzido por Carvalho et al (2012), afirma que a cerâmica produzida em Irará ganha destaque no território, citando cerca de 20 artesãos ligados à Associação Comunitária do Artesanato e Arte Popular de Irará. O texto registra que o SEBRAE, a prefeitura e a associação buscaram estratégias para ampliar a comercialização das peças, levando-as para espaços como shoppings de Salvador e resorts do Litoral Norte, uma vez que as peças já apresentavam qualidade, melhorias em design e potencial para alcançar novos mercados.

Apesar desse potencial, a comercialização tradicional da cerâmica permanece fortemente vinculada à feira livre e à Casa do Artesão. Na feira de Irará, os quilombolas expõem seus produtos em lonas, esteiras, palanques de madeira comercializando objetos como panelas de barro, potes e outros utensílios. A feira, nesse sentido, não é apenas um espaço de venda, mas um território de sociabilidade, encontro e reconhecimento, onde os ceramistas constroem relações comerciais e simbólicas com a cidade.

A importância cultural da cerâmica iraraense está justamente na articulação entre barro, território, ancestralidade e trabalho. O barro utilizado na produção cerâmica é resultado das características naturais do município, especialmente da presença de solos argilosos, clima e vegetação que contribui para a formação e conservação dos horizontes argilosos. Entretanto, o valor da cerâmica não está apenas na matéria-prima: ele está no modo como as comunidades transformam o barro em objeto cultural, utilitário, econômico e simbólico. A peça cerâmica carrega a marca do território, da técnica, da memória familiar e da identidade quilombola.

Dessa forma, a produção cerâmica está associada a um saber-fazer transmitido entre gerações. Na comunidade quilombola da Olaria, por exemplo, o conhecimento relacionado à coleta do barro, ao preparo da matéria-prima, à modelagem das peças,

à secagem e à queima é repassado entre familiares, especialmente entre mulheres. Esse processo de transmissão de conhecimentos representa um importante patrimônio cultural imaterial e demonstra que a produção cerâmica não depende apenas dos recursos naturais, mas também dos fatores humanos que caracterizam o território.

Outro aspecto relevante é a notoriedade da cerâmica iraraense. Ao longo do tempo, as peças produzidas no município tornaram-se reconhecidas regionalmente, sendo comercializadas em feiras, eventos culturais e espaços de artesanato. Esse reconhecimento social constitui um dos requisitos fundamentais para a obtenção de uma Indicação de Procedência.

Nesse sentido, a Cerâmica de Irará apresenta condições favoráveis para uma futura Indicação de Procedência. O município possui uma tradição produtiva consolidada, um grupo social responsável pela manutenção dos conhecimentos tradicionais, uma matéria-prima associada ao território e uma identidade cultural reconhecida regionalmente. Esses elementos constituem a base necessária para a construção de um processo de reconhecimento territorial por meio da IG.

Além da Indicação de Procedência, a cerâmica iraraense também apresenta elementos que podem, futuramente, subsidiar estudos voltados para uma possível Denominação de Origem. Essa modalidade exige um nível maior de comprovação científica, demonstrando que as características do produto resultam diretamente da interação entre fatores naturais e humanos. No caso de Irará, seria necessário aprofundar pesquisas sobre as propriedades físico-químicas das argilas locais, os processos tradicionais de produção e as características finais das peças cerâmicas, buscando comprovar a influência direta do território sobre a qualidade e singularidade do produto.

6.1 DESAFIOS PARA O REGISTRO DA INDICAÇÃO GEGRÁFICA DA CERÂMICA

A obtenção de uma IG não ocorre sem desafios. Entre as principais dificuldades destacam-se a necessidade de organização coletiva dos produtores, a elaboração dos cadernos de especificações técnicas, a delimitação da área geográfica de produção, a realização de estudos técnicos e a manutenção de estruturas de governança capazes de garantir a qualidade e autenticidade do produto. Além disso, é fundamental que os produtores reconheçam a importância do registro da indicação

geográfica para os produtores e o território de produção e participem ativamente do processo de construção da IG.

Apesar dessas dificuldades, os benefícios potenciais são significativos. Uma Indicação Geográfica para a Cerâmica de Irará poderia contribuir para a valorização econômica das peças, o fortalecimento da identidade territorial, a preservação dos saberes tradicionais, o aumento da renda dos artesãos, a proteção do meio ambiente e a promoção do turismo cultural. Mais do que um instrumento de mercado, a IG poderia atuar como mecanismo de reconhecimento e salvaguarda do patrimônio cultural local, reforçando a ligação entre território, cultura e produção artesanal.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a discussão proposta por Alcântara (2025) sobre a utilização das Indicações Geográficas como instrumentos de reconhecimento e salvaguarda da identidade territorial camponesa de Irará. Assim como a autora argumenta para a farinha de mandioca, a cerâmica também pode ser compreendida como uma expressão material da identidade territorial do município, resultado da interação entre natureza, trabalho, cultura e memória coletiva. Dessa forma, a possibilidade de uma Indicação Geográfica para a Cerâmica de Irará representa não apenas uma estratégia de desenvolvimento econômico, mas também uma oportunidade de valorização do território e de preservação dos conhecimentos que constituem um dos mais importantes patrimônios culturais do município.

Nesse sentido, a cerâmica de Irará apresenta elementos importantes para uma possível Indicação Geográfica. A legislação brasileira reconhece duas modalidades: a Indicação de Procedência, quando uma localidade se torna conhecida como centro de produção, fabricação ou extração de determinado produto; e a Denominação de Origem, quando as características do produto se devem essencialmente ao meio geográfico, incluindo fatores naturais e humanos.

A cerâmica iraraense apresenta forte potencial para uma **Indicação de Procedência**, pois há reconhecimento histórico da produção, presença de saber-fazer tradicional, comercialização local e regional e identificação da cerâmica como destaque do Território de Identidade Portal do Sertão. Para uma futura **Denominação de Origem**, seria necessário aprofundar estudos técnicos que comprovem a relação direta entre as propriedades do barro local, os solos argilosos, o modo de preparo, a queima e as características finais das peças.

A reflexão Alcântara (2025) sobre a IG da farinha de mandioca pode ser aplicada, com as devidas adaptações, à cerâmica. A autora defende que a Indicação Geográfica

não deve ser vista apenas como estratégia de mercado, mas como instrumento de reconhecimento, resistência e valorização da identidade territorial. No caso da cerâmica de Iará, a IG poderia contribuir para proteger o nome geográfico, fortalecer a organização coletiva dos artesãos, valorizar o trabalho das mulheres ceramistas, ampliar mercados e reconhecer a relação entre terra, trabalho, cultura e ancestralidade.

A produção cerâmica em Iará constitui uma atividade tradicional profundamente vinculada à história, à cultura e aos recursos naturais do município. Desenvolvida principalmente na comunidade quilombola da Olaria e em outros núcleos de produção artesanal, a cerâmica representa um saber-fazer transmitido entre gerações, resultado da interação entre conhecimentos empíricos acumulados ao longo do tempo e as características ambientais específicas do território iraraense.

7 PROCESSO DE PRODUÇÃO DA CERÂMICA ARTESANAL DE IRARÁ

A descrição das etapas de produção da cerâmica em Irará apresentada neste trabalho foi elaborada com base em diálogos realizados com produtores durante a venda das peças na feira livre do município, bem como no estudo de Santos (2010), que analisou a produção ceramista na comunidade quilombola da Olaria, localizada na Serra de Irará. Segundo a autora, a fabricação das peças ocorre por meio de técnicas tradicionais, sem o uso de mecanismos industriais, sendo o saber-fazer transmitido de geração em geração, especialmente entre mulheres. O processo produtivo envolve a retirada do barro em áreas próximas, seu preparo por meio da quebra, pisoteio, peneiramento, adição de água e retirada de impurezas, seguido da modelagem manual das peças. Posteriormente, as louceiras realizam o acabamento, a secagem, a pintura com tauá, o polimento e, por fim, a queima em forno a lenha, etapa responsável por conferir rigidez e resistência aos objetos cerâmicos (SANTOS, 2010). A produção pode ser dividida em cinco etapas principais:

1- COLETA DO BARRO

O processo produtivo inicia-se com a coleta do barro, matéria-prima fundamental para a confecção das peças. Essa etapa exige amplo conhecimento do território, uma vez que os ceramistas identificam áreas específicas onde ocorrem depósitos de argila adequados para a produção. A escolha dos locais de extração não ocorre de forma aleatória, mas baseia-se na experiência acumulada pelos produtores, que reconhecem diferenças de textura, plasticidade, coloração e comportamento do barro durante a modelagem e a queima. Em Irará, a disponibilidade desse material está diretamente relacionada à predominância dos Argissolos Vermelho-Amarelos, cuja formação resulta da ação conjunta do clima, da vegetação, do relevo e dos processos pedogenéticos desenvolvidos ao longo de milhares de anos.

2- SECAGEM NATURAL E PREPAÇÃO DA MASSA

Após a coleta, o barro passa por um período de secagem natural e, posteriormente, é triturado para eliminar torrões e impurezas. Em seguida, realiza-se a preparação da massa, etapa em que o material é umedecido (a quantidade de água usada para umedecer a massa depende das condições do tempo, quanto maior a umidade do ar menos água utilizada) e amassado até atingir a consistência adequada para a modelagem. Esse processo demanda habilidade e sensibilidade por parte das

ceramistas, pois o equilíbrio entre água e argila influencia diretamente a qualidade final das peças.

3- MODELAGEM

A modelagem é uma das etapas que mais expressam o caráter artesanal da produção. Utilizando técnicas tradicionais herdadas de gerações anteriores, as artesãs confeccionam potes, panelas,oringas, tachos, vasos, fogareiros e outros utensílios domésticos. Conforme observado por Santos (2010), o saber-fazer cerâmico em Ipirá está fortemente associado às mulheres, que historicamente desempenham papel central na transmissão dos conhecimentos relacionados ao barro e à produção das peças. A aprendizagem ocorre principalmente no ambiente familiar, reforçando os laços entre cultura, memória e trabalho (Imagem 1)

4- SECAGEM

Após a modelagem, as peças são colocadas para secar à sombra e, posteriormente, ao sol. Essa etapa é fundamental para evitar rachaduras durante a queima. Somente após a secagem completa os objetos seguem para o processo de queima, considerado um dos momentos mais delicados de toda a produção (Imagem 2).

5- QUEIMA

Tradicionalmente, a queima é realizada em fornos artesanais abastecidos com lenha. O controle da temperatura ocorre de forma empírica, baseado na experiência dos produtores e na observação da coloração do fogo, da fumaça e das peças. Diferentemente dos sistemas industriais, não há instrumentos para monitoramento preciso da temperatura, tornando o processo mais suscetível a perdas. Variações bruscas de calor podem provocar rachaduras, deformações ou até mesmo a quebra completa das peças, gerando prejuízos para os artesãos (Imagem 3)

A etapa da queima também evidencia alguns dos principais desafios enfrentados pelos produtores locais. A dependência da lenha representa um problema recorrente, tanto pela dificuldade de obtenção do combustível quanto pelos custos associados ao transporte e armazenamento. Além disso, muitos fornos utilizados apresentam estruturas precárias, construídas de forma artesanal e sem isolamento térmico adequado, o que reduz a eficiência energética e aumenta o consumo de lenha (Imagem 4 e 5).

8 ESPAÇOS DA PRODUÇÃO

As condições de infraestrutura de trabalho constituem outro fator limitante para o desenvolvimento da atividade. Em muitos casos, os espaços de produção são anexos às residências ou estruturas improvisadas, sem equipamentos adequados para armazenamento do barro, secagem das peças ou proteção contra intempéries. Durante períodos chuvosos, a produção pode ser significativamente prejudicada, uma vez que a secagem das peças depende diretamente das condições climáticas.

Além das dificuldades técnicas e estruturais, os ceramistas enfrentam problemas relacionados à valorização econômica de seu trabalho. Apesar da importância cultural da cerâmica para a identidade de Irará, os produtos frequentemente são comercializados por valores que não refletem o tempo, o conhecimento e o esforço empregados em sua produção. A concorrência com utensílios industrializados de plástico, alumínio e outros materiais reduz a demanda por peças tradicionais e contribui para a desvalorização do trabalho artesanal.

Esse cenário reflete uma problemática mais ampla relacionada à invisibilização dos saberes tradicionais e das atividades desenvolvidas por comunidades rurais e quilombolas. Embora a cerâmica represente um patrimônio cultural construído ao longo de gerações, os artesãos frequentemente enfrentam dificuldades para acessar mercados mais amplos, obter apoio institucional e garantir a continuidade da atividade entre as gerações mais jovens.

8.1 SINGULARIDADE DA PRODUÇÃO DA CERÂMICA DE IRARÁ

É justamente na relação entre natureza, cultura e trabalho que reside a singularidade da cerâmica de Irará. Os mapas de clima, vegetação e solos analisados neste estudo demonstram que a produção cerâmica não pode ser compreendida isoladamente do território onde se desenvolve. O clima tropical com estação seca favorece processos de intemperismo e formação dos Argissolos. A predominância da Floresta Estacional Decidua contribui para a proteção dos solos e para a manutenção dos processos pedogenéticos responsáveis pela formação dos horizontes argilosos. Por sua vez, esses solos fornecem a matéria-prima utilizada pelas ceramistas na fabricação das peças.

Dessa forma, o barro utilizado na produção artesanal não é apenas um recurso natural disponível na paisagem. Ele representa o resultado de uma complexa

interação entre fatores físicos e biológicos que atuaram durante milhares de anos na construção do território. Ao mesmo tempo, o conhecimento necessário para identificar os melhores locais de extração, preparar a argila, modelar as peças e controlar a queima não está registrado em manuais técnicos, mas incorporado à experiência prática das comunidades produtoras.

Essa articulação entre fatores naturais e humanos aproxima a cerâmica de Ipirá dos princípios que fundamentam as Indicações Geográficas. Conforme discutido anteriormente, um dos elementos centrais das IGs é a existência de uma relação reconhecível entre um produto e o território de onde ele se origina. No caso da cerâmica ipiranaense, essa relação manifesta-se tanto nos atributos naturais como clima, vegetação, solos e disponibilidade de argila, quanto nos atributos culturais, representados pelo saber-fazer tradicional, pela memória coletiva e pela identidade quilombola associada à produção.

Assim, a cerâmica de Ipirá pode ser compreendida como uma expressão material da interação entre sociedade e natureza. Cada peça produzida sintetiza processos geológicos, pedológicos e ecológicos desenvolvidos ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que incorpora conhecimentos, técnicas e valores culturais transmitidos entre gerações. Essa singularidade territorial reforça o potencial da atividade para futuras iniciativas de valorização e proteção, especialmente por meio de uma Indicação Geográfica que reconheça oficialmente a estreita ligação entre o produto, o território e as comunidades responsáveis por sua produção.

Imagem 1- Modelagem de peças cerâmicas



Fonte: Santos, 2010.

Imagem 2- Secagem das peças antes da queima



Fonte: Santos, 2010.

Imagem 3- Processo de queima das peças



Fonte: Santos, 2010.

Imagem 4- Parte externa do forno



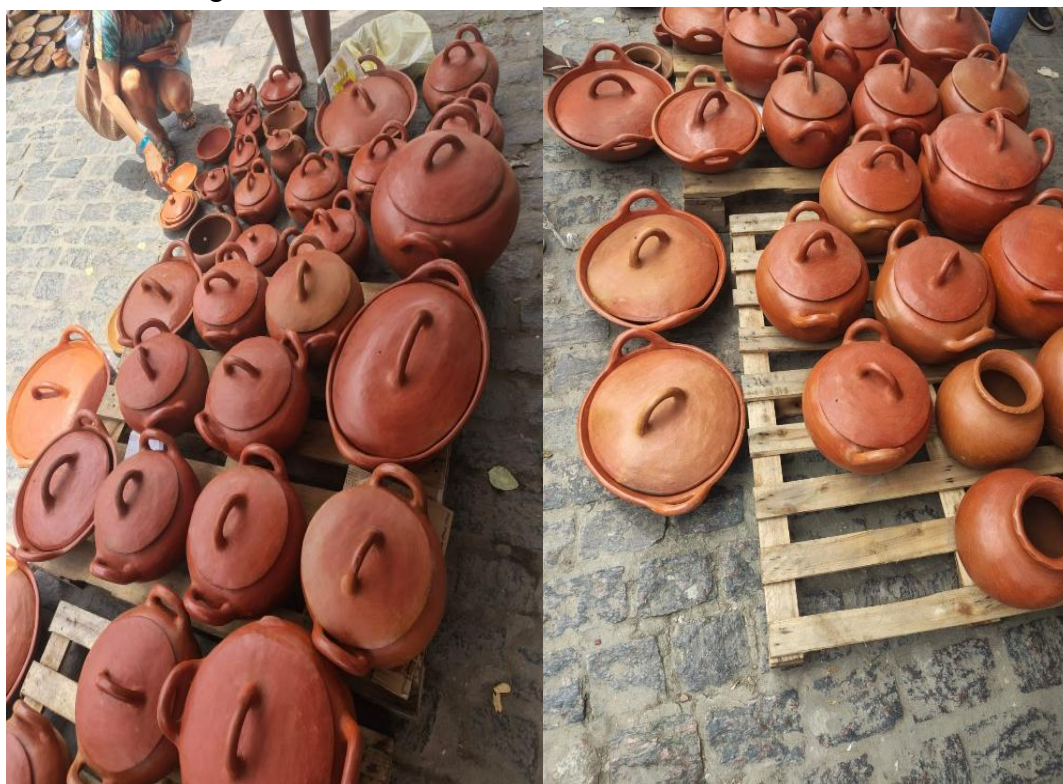
Fonte: Do Autor, 2025.

Imagem 5- Parte interna do forno



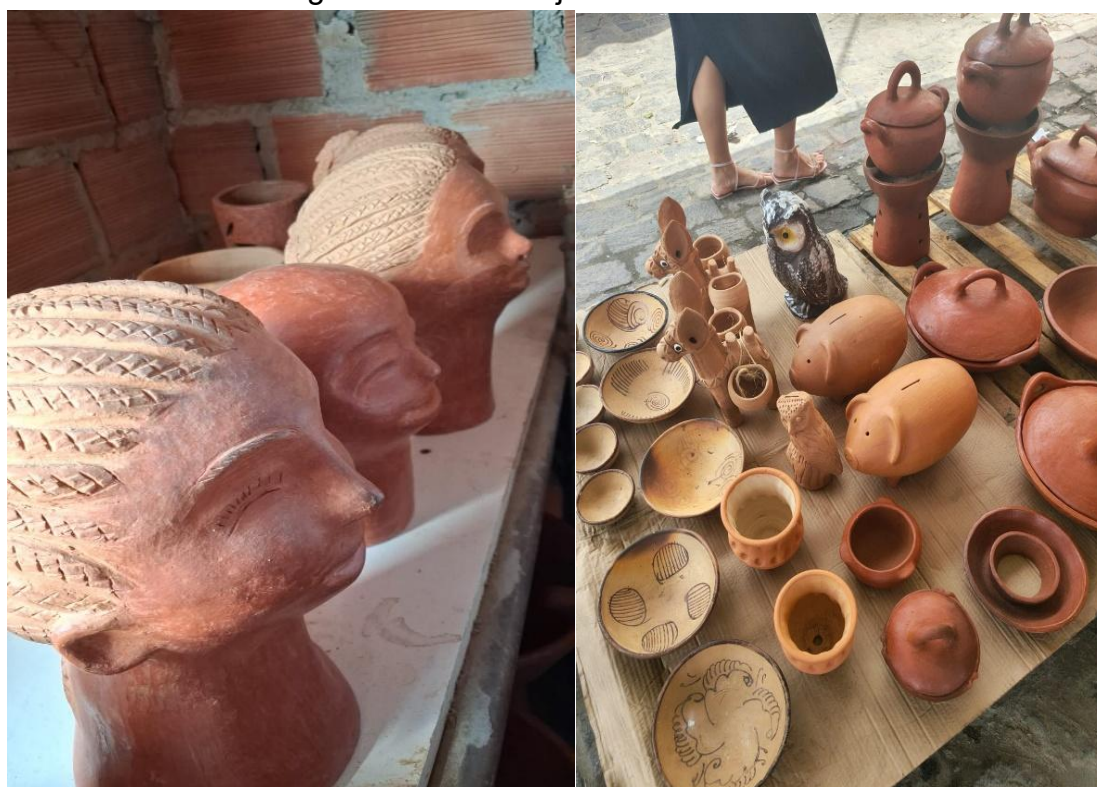
Fonte: Do Autor, 2025.

Imagem 6- Panelas comercializadas na feira livre de Irará



Fonte: Do Autor, 2025.

Imagem 7- Outros objetos comercializados



Fonte: Do Autor, 2025.

8.2 Notoriedade da cerâmica de Irará

A notoriedade constitui um dos elementos centrais para a análise do potencial de reconhecimento de uma Indicação Geográfica, especialmente quando se trata da modalidade Indicação de Procedência. De acordo com a Lei nº 9.279/1996, considera-se Indicação de Procedência o nome geográfico que tenha se tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço (BRASIL, 1996). Dessa forma, a notoriedade não deve ser compreendida apenas como fama ou divulgação eventual, mas como o reconhecimento construído social e historicamente em torno de um produto associado a determinado território.

No caso da cerâmica de Irará, a notoriedade pode ser observada a partir de diferentes evidências: a permanência histórica da atividade, sua presença em comunidades rurais e quilombolas, a transmissão intergeracional do saber-fazer, o protagonismo das mulheres louceiras, a circulação das peças em feiras e exposições, além da presença da cerâmica em reportagens, registros institucionais e iniciativas públicas de valorização cultural. Esses elementos demonstram que a cerâmica iraraense não é apenas uma produção artesanal local, mas uma expressão territorial reconhecida dentro e fora do município.

A relação entre notoriedade e Indicação Geográfica é particularmente importante porque, para a Indicação de Procedência, o aspecto fundamental é demonstrar que o nome geográfico se tornou conhecido pela produção de determinado produto. Assim, quando se afirma que Irará é reconhecida pela produção de cerâmica, é necessário apresentar evidências desse reconhecimento por meio de fontes diversas, como reportagens, exposições, documentos institucionais, estudos acadêmicos, registros culturais, materiais audiovisuais e ações do poder público. Nesse sentido, a notoriedade funciona como um indicativo de que determinado território possui reputação consolidada em torno de um produto específico.

A cerâmica de Irará apresenta sinais consistentes dessa notoriedade. Um dos exemplos mais expressivos foi a exposição **“Potes e Caborés – A Cerâmica de Irará”**, realizada em 2010 na Galeria Mestre Abdias, no Instituto Mauá, no Pelourinho, em Salvador. A mostra reuniu peças tradicionais do município, como painéis, tachos, fogareiros, miniaturas, porcelanas, potes e caborés, evidenciando a diversidade da produção ceramista iraraense e sua inserção no circuito cultural baiano. A realização

de uma exposição específica sobre a cerâmica de Irará em um espaço institucional de grande relevância demonstra que essa produção já era reconhecida como manifestação significativa da cultura popular da Bahia.

Além da visibilidade em Salvador, a exposição também reforçou a relação entre a cerâmica e as comunidades rurais de Irará. A produção apresentada não foi tratada apenas como mercadoria artesanal, mas como expressão de um modo de vida, de técnicas tradicionais e de saberes vinculados ao território. A presença dessas peças em espaços de divulgação cultural evidencia que o produto já ultrapassava o consumo local, sendo reconhecido como símbolo da identidade cultural iraraense.

Outro elemento que fortalece a notoriedade da cerâmica de Irará é sua presença em reportagens e matérias jornalísticas. O Jornal Correio, ao divulgar a mostra **“Sabores e Saberes de Irará”**, apresentou a cerâmica como uma das tradições do município, associando-a aos saberes da zona rural, à história local e às práticas culturais transmitidas ao longo do tempo. Esse tipo de registro midiático é importante porque amplia a circulação da imagem da cerâmica de Irará e contribui para a construção pública de sua reputação.

A notoriedade também se expressa no reconhecimento institucional e nas ações voltadas ao fortalecimento do artesanato local. Em 2023, a Prefeitura Municipal de Irará promoveu, em parceria com a Coordenação de Fomento ao Artesanato da Bahia, um encontro com artesãos e artesãs do município, no qual foi avaliado o cenário da produção de cerâmica e cipó. O objetivo da iniciativa foi elaborar diagnóstico, propor parcerias e desenvolver o setor artesanal local. Essa ação demonstra que a cerâmica é reconhecida pelo poder público como uma atividade relevante para a cultura, a economia criativa e o desenvolvimento territorial de Irará.

A importância da cerâmica também está relacionada à permanência do saber-fazer nas comunidades produtoras. A produção não se limita à fabricação de objetos, mas envolve um conjunto de conhecimentos sobre a escolha do barro, o preparo da massa, a modelagem, o acabamento, a secagem, a pintura com tauá, o polimento e a queima em forno a lenha. Esses conhecimentos são transmitidos de geração em geração, especialmente entre mulheres, conhecidas como louceiras, que assumem papel central na preservação da tradição ceramista. Assim, a notoriedade da cerâmica de Irará está diretamente ligada à sua dimensão cultural e comunitária.

No contexto da Indicação Geográfica, esse reconhecimento é fundamental. A cerâmica de Irará apresenta uma reputação construída a partir da relação entre

produto, território e saber-fazer. O nome Irará aparece associado à cerâmica em exposições, matérias jornalísticas, estudos acadêmicos e ações institucionais, configurando um conjunto de evidências que pode contribuir para demonstrar a notoriedade do município como centro produtor de cerâmica artesanal. Essa condição aproxima a cerâmica iraraense dos requisitos necessários para uma possível Indicação de Procedência, uma vez que a IP se fundamenta justamente no reconhecimento do nome geográfico como referência na produção de determinado bem.

Além disso, a notoriedade da cerâmica de Irará não está dissociada dos aspectos físicos do território. A disponibilidade de solos argilosos, a presença de Argissolos Vermelho-Amarelos, a predominância de rochas sedimentares mais suscetíveis ao intemperismo e as condições climáticas locais contribuem para a formação do barro utilizado na produção das peças. Dessa forma, a cerâmica iraraense apresenta uma singularidade que resulta da articulação entre natureza e cultura: de um lado, os elementos ambientais que possibilitam a existência da matéria-prima; de outro, os conhecimentos tradicionais das comunidades que transformam o barro em objetos utilitários, decorativos e simbólicos.

Portanto, a notoriedade da cerâmica de Irará pode ser compreendida como resultado de uma trajetória histórica, cultural e territorial. Sua presença em comunidades quilombolas e rurais, sua transmissão intergeracional, sua circulação em feiras e exposições, sua divulgação em reportagens e seu reconhecimento por instituições públicas demonstram que essa produção possui reputação consolidada. Esses elementos fortalecem a discussão sobre o potencial da cerâmica de Irará para uma futura Indicação Geográfica, sobretudo na modalidade Indicação de Procedência, pois evidenciam que o município é socialmente reconhecido pela produção ceramista e que essa atividade constitui parte essencial de sua identidade territorial.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a relação entre os aspectos naturais e socioculturais do município de Irará, Bahia, e a produção da cerâmica artesanal, buscando evidenciar como os elementos geográficos do território influenciam a formação da matéria-prima utilizada pelos ceramistas e contribuem para a construção de uma identidade territorial associada a essa atividade tradicional. A partir da análise integrada do clima, da vegetação, dos solos, da dinâmica socioeconômica local e dos saberes-fazeres das comunidades produtoras, foi possível demonstrar que a cerâmica iraraense constitui muito mais do que uma atividade econômica, configurando-se como uma manifestação cultural profundamente vinculada ao território.

Os resultados obtidos evidenciam que o município de Irará apresenta condições ambientais específicas que favorecem a ocorrência de solos argilosos adequados à produção cerâmica. A predominância dos Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos, acompanhados por manchas menores de Argissolos Vermelho-Amarelos Eutróficos, está diretamente relacionada à atuação conjunta dos fatores de formação dos solos. O clima tropical caracterizado pela alternância entre períodos chuvosos e secos favorece processos de intemperismo químico, lixiviação e argiluviação, responsáveis pela formação dos horizontes enriquecidos em argila. Esses processos, desenvolvidos ao longo de milhares de anos, possibilitaram a formação dos depósitos de barro utilizados tradicionalmente pelas comunidades ceramistas do município.

A vegetação também se revelou elemento fundamental para a compreensão dessa dinâmica. A predominância da Floresta Estacional Decidua, associada a manchas de Floresta Estacional Semidecidual e áreas de tensão ecológica entre Mata Atlântica e Caatinga, contribui para a proteção dos solos, a manutenção da matéria orgânica e a conservação das condições necessárias para os processos pedogenéticos. A deposição de serapilheira, a ciclagem de nutrientes e a proteção da superfície contra processos erosivos demonstram que a cobertura vegetal exerce papel decisivo na manutenção dos ambientes que possibilitam a formação e conservação dos horizontes argilosos.

Nesse sentido, a pesquisa permitiu compreender que o barro utilizado na cerâmica de Irará não deve ser visto apenas como um recurso mineral disponível na paisagem. Trata-se do resultado de uma longa interação entre fatores climáticos,

biológicos, geológicos e pedológicos que moldaram o território ao longo do tempo. O material utilizado pelos ceramistas é, portanto, uma expressão concreta da história natural do município, evidenciando a estreita relação entre os recursos ambientais e as práticas produtivas desenvolvidas pela população local.

A análise dos aspectos populacionais e econômicos demonstrou que Irará possui uma forte tradição rural e camponesa, marcada pela agricultura familiar, pela produção artesanal e pela permanência de práticas produtivas transmitidas entre gerações. Conforme discutido por Alcântara (2025), a identidade territorial iraraense está profundamente relacionada às formas de vida construídas no campo e aos vínculos estabelecidos entre as comunidades e o território. Nesse contexto, a cerâmica artesanal emerge como uma atividade que articula trabalho, cultura, memória e pertencimento, desempenhando importante papel na reprodução social das famílias envolvidas com sua produção.

A investigação sobre a origem da cerâmica permitiu identificar a influência dos conhecimentos indígenas, africanos e europeus na formação dessa tradição produtiva. Em especial, destacou-se a contribuição das comunidades quilombolas, sobretudo da comunidade da Olaria, onde a produção cerâmica permanece como uma prática cultural e econômica de grande relevância. A transmissão dos conhecimentos relacionados à coleta do barro, à preparação da matéria-prima, à modelagem das peças e ao controle da queima ocorre principalmente por meio das relações familiares, demonstrando a importância da oralidade e da experiência prática na preservação desse patrimônio cultural.

O estudo do processo produtivo revelou que a produção cerâmica envolve um conjunto complexo de etapas que exigem conhecimento técnico e domínio das características do material utilizado. Desde a identificação das áreas de extração do barro até a queima das peças, os ceramistas mobilizam conhecimentos acumulados ao longo de gerações. Entretanto, a pesquisa também evidenciou diversos desafios enfrentados pelos produtores, incluindo limitações de infraestrutura, dificuldades relacionadas à obtenção de lenha para os fornos, ausência de equipamentos adequados, baixa valorização econômica das peças e concorrência com produtos industrializados.

Essas dificuldades demonstram a necessidade de políticas públicas voltadas para o fortalecimento da atividade ceramista, tanto por meio da melhoria das condições de produção quanto da valorização dos conhecimentos tradicionais associados ao ofício.

A preservação da cerâmica artesanal não representa apenas a manutenção de uma atividade econômica, mas também a proteção de um importante patrimônio cultural construído historicamente pelas comunidades locais.

A discussão sobre as Indicações Geográficas permitiu compreender que esse instrumento pode desempenhar papel estratégico na valorização da cerâmica de Irará. A análise da experiência brasileira e baiana demonstrou que as IGs constituem mecanismos capazes de promover o desenvolvimento territorial, agregar valor aos produtos, fortalecer a organização coletiva dos produtores e preservar conhecimentos tradicionais. Embora a Bahia possua ainda um número reduzido de registros quando comparado ao seu potencial, diversos produtos já demonstram a capacidade das IGs de contribuir para o fortalecimento das economias locais e para a valorização das identidades territoriais.

No caso específico da cerâmica iraraense, verificou-se a existência de diversos elementos compatíveis com os requisitos exigidos para uma futura Indicação Geográfica. A notoriedade da produção, a existência de um saber-fazer tradicional consolidado, a associação com comunidades quilombolas, a utilização de matérias-primas provenientes do próprio território e a forte relação entre o produto e a identidade cultural local constituem fatores que reforçam seu potencial para obtenção, inicialmente, de uma Indicação de Procedência.

Além disso, os resultados desta pesquisa indicam que a cerâmica de Irará apresenta uma estreita relação com os fatores naturais do território, especialmente os solos argilosos, o clima e a vegetação local. Essa constatação sugere a possibilidade de futuras investigações voltadas à análise das condições necessárias para uma eventual Denominação de Origem, modalidade de IG que exige a comprovação científica da influência do meio geográfico sobre as características do produto.

Dessa forma, conclui-se que a cerâmica de Irará representa uma síntese entre natureza e cultura. Cada peça produzida carrega não apenas a argila extraída dos solos locais, mas também os conhecimentos, as memórias, os valores e as identidades construídas historicamente pelas comunidades produtoras. O barro transformado em artefato cerâmico materializa a relação entre o território e seus habitantes, revelando como os elementos naturais da paisagem podem ser apropriados socialmente e convertidos em patrimônio cultural.

Por fim, esta pesquisa reforça a importância de reconhecer a cerâmica artesanal como um elemento estruturante da identidade territorial de Irará. A valorização dessa

atividade deve ser entendida não apenas como uma estratégia de desenvolvimento econômico, mas também como uma ação de preservação cultural e de fortalecimento das comunidades responsáveis pela manutenção desse saber-fazer tradicional. Nesse contexto, a Indicação Geográfica apresenta-se como uma possibilidade concreta de reconhecimento, proteção e valorização da cerâmica iraraense, contribuindo para a salvaguarda de um patrimônio que expressa, de forma singular, a interação entre os recursos naturais, a cultura e a história do município.

10 REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Andréia Silva de. **Formação da identidade territorial camponesa iraraense e indicação geográfica como instrumento de reconhecimento e salvaguarda da identidade territorial camponesa de Irará-BA**. 2025. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.
- ALMEIDA, Celso. A cerâmica popular baiana: suas origens e principais influências. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DESIGN, 3., 2014, Gramado. **Anais [...]**. Gramado: Blucher Design Proceedings, 2014.
- AMORIM, Lilian Bayma de. **Cerâmica marajoara: a comunicação do silêncio**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.
- BAHIA. Secretaria de Comunicação Social. **Exposição no Mauá revela a cultura de Irará através da cerâmica**. Salvador: SECOM, 2010. Disponível no portal do Governo da Bahia. Acesso em: 22 jun. 2026.
- BRADY, Nyle C.; WEIL, Ray R. **Elementos da natureza e propriedades dos solos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- BRASIL. **Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996**. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 15 maio 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9279.htm. Acesso em: 22 jun. 2026.
- BUDJA, Mihael. Ceramics among Eurasian hunter-gatherers: 32 000 years of ceramic technology use and the perception of containment. **Documenta Praehistorica**, Ljubljana, v. 43, p. 61-80, 2016. DOI: 10.4312/dp.43.2.
- CALDAS, Alcides dos Santos. Indicações Geográficas: marco regulatório e distribuição espacial. In: CALDAS, Alcides dos Santos; BRITO, Cristóvão; FONSECA, Antonio Angelo Martins da; PERTILE, Noeli (org.). **Gestão do território e desenvolvimento: novos olhares e tendências**. Salvador: JM, 2013. v. 1, p. 127-152.
- CALLIARI, Leandro. **Indicações geográficas e desenvolvimento territorial: um estudo sobre o Vale dos Vinhedos**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- CARVALHO, Graciele dos Reis; DIAS, Acácia Batista; ROCHA, Washington de Jesus Santana da Franca. **Indicações geográficas no contexto do Território de Identidade Portal do Sertão**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.
- CAVEDON, André Dionei; SHINZATO, Edgar. **Solos do Estado da Bahia: descrição e interpretação para uso agrícola**. Salvador: SEI, 2000.

CORREIO. **Da mandioca à cerâmica: mostra traz saberes tradicionais de Irará para Salvador**. Salvador, 2019. Disponível no Jornal Correio. Acesso em: 22 jun. 2026.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 5. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados: Irará (BA)**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/irara/panorama>. Acesso em: 16 jun. 2026.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Irará: histórico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual Técnico de Pedologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL (INPI). **Manual de Indicações Geográficas**. Rio de Janeiro: INPI, 2026. Disponível no portal do INPI. Acesso em: 22 jun. 2026.

IRARÁ. Prefeitura Municipal. **Prefeitura promove Encontro do Artesanato da Bahia com artesãos e artesãs de Irará**. Irará, 2023. Disponível no portal da Prefeitura Municipal de Irará. Acesso em: 22 jun. 2026.

JORNAL GRANDE BAHIA. **Sala do Artista Popular apresenta cerâmica de Irará**. Feira de Santana, 2010. Disponível no Jornal Grande Bahia. Acesso em: 22 jun. 2026.

KER, João Carlos; CURI, Nilton; SCHAEFER, Carlos Ernesto Gonçalves Reynaud; TORRADO, Pablo Vidal. **Pedologia: fundamentos**. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2012.

LEPSCH, Igo Fernando. **19 lições de pedologia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MASCARENHAS, Gilberto; WILKINSON, John. Indicações geográficas em países em desenvolvimento: potencialidades e desafios. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 103-118, 2014.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE; INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). **Corredores ecológicos: experiências em planejamento e gestão ambiental**. Brasília: MMA/IBAMA, 2003.

NOELLI, Francisco Silva; SALLUM, Marianne. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Boletim do**

Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 3, p. 1035-1074, 2019.

ODUM, Eugene P.; BARRETT, Gary W. **Fundamentos de ecologia**. 5. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

OLIVEIRA, Paulo S.; MARQUIS, Robert J. **The Cerrados of Brazil: ecology and natural history of a neotropical savanna**. New York: Columbia University Press, 2002.

POGGIANI, Fabio; SCHUMACHER, Mauro Valdir. Ciclagem de nutrientes em florestas nativas. In: GONÇALVES, José Leonardo de Moraes; BENEDETTI, Valdir (org.). **Nutrição e fertilização florestal**. Piracicaba: IPEF, 2004. p. 287-308.

RESENDE, Mauro; CURI, Nilton; REZENDE, Sebastião Barreiros; CORRÊA, Gilberto Fernandes. **Pedologia: base para distinção de ambientes**. 6. ed. Lavras: UFLA, 2014.

SALDANHA, Carlos Benedito; ROCHA, Ubirajara Batista; SANTOS, Wellington Pereira Costa. Análise do desenvolvimento territorial no cenário das indicações geográficas reconhecidas na Bahia. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 15, n. 4, p. 1172-1188, 2022.

SANTOS, Humberto Gonçalves dos et al. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 5. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2018.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. A história da comunidade quilombola de Olaria, em Irará-Bahia e a luta pela terra na contemporaneidade. **Revista IDEAS**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, 2009.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. Etnoarqueologia do aldeamento de Purificação, em Irará (Bahia). **Revista de História da Arte e Arqueologia**, Campinas, n. 13, p. 29-42, 2010.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. **Etnicidade e memória entre quilombolas em Irará-Bahia**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. Relações de gênero e produção de cerâmica na comunidade quilombola da Olaria, em Irará-Bahia. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 134-147, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, R. D.; LEMOS, R. C.; SANTOS, H. G.; KER, J. C.; ANJOS, L. H. C.; SHIMIZU, S. H. **Manual de descrição e coleta de solo no campo**. 7. ed. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2015.

SILVA, José dos Santos Vila da; COSTA, Francisco de Souza Corrêa da. **Cobertura vegetal brasileira: estrutura, dinâmica e mapeamento**. Brasília, DF: Embrapa Informática Agropecuária, 2010.

VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; PELLIN, Valdinho. As indicações geográficas como estratégia para fortalecer o território: uma análise das experiências brasileiras. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 13, n. 30, p. 155-174, 2015.

VUKOVIĆ, Jasna. Pottery and non-sedentary communities: origins, technological choices and social behaviour. **Ethnoarchaeology**, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2020.
Disponível em: <https://eap-iea.org/index.php/eap/article/view/52>. Acesso em: 22 jun. 2026.

WEATHERSPARK. **Clima característico em Irará, Bahia, Brasil, durante o ano**. Disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/31059/Clima-característico-em-Irará-Bahia-Brasil-durante-o-ano>. Acesso em: 22 jun. 2026.